

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

BIANCA MIRANDA RODRIGUES VIDAL

**ANDIS**

No caminho pela identidade peruana

RIO DE JANEIRO

2019

Bianca Miranda Rodrigues Vidal

**ANDIS** : No caminho pela identidade peruana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design

Orientadora: Raquel Ferreira da Ponte

RIO DE JANEIRO  
2019

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, precisamos ressaltar que nenhum conhecimento se faz sozinho, sem troca de informações. Precisamos ouvir o próximo para aprender, entender e assim por em prática todo esse conhecimento com o intuito de contribuir para um mundo melhor.

Preciso agradecer imensamente a todos que contribuíram e participaram desse projeto. Agradecer a minha família, ao apoio das minhas irmãs e do meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando em cada momento da minha vida. Meus pais sempre investiram nos meus estudos, sempre diziam que a maior herança que eles podem nos dar, são os estudos e é graças a eles estou aqui

Agradecer a minha orientadora, Raquel Ponte, uma pessoa iluminada que me orientou perfeitamente nessa trajetória. Agradecer às entrevistadas, Rocío Salazar, Ketty Aire Laureano, Margarita Isabel pela disponibilidade, generosidade e gratidão pelas conversas e trocas de conhecimento a respeito da cultura do Peru.

Agradecer à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pela oportunidade e conhecimento que me foram proporcionados. Agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram para a minha formação.

Agradeço também a instituição de ensino em que tive o sorte de estudar, ao Colégio de Aplicação da UFRJ pelas disciplinas estudadas, mas especificamente a matéria Desenho Geométrico, sem deixar de dar o justo valor as outras disciplinas, pois elas são tão importante quanto. Essa disciplina me ajudou na fase final do meu projeto.

Agradecer meus amigos por sempre estarem ao meu lado, me apoiando e me ajudando em todos os momentos, pois sei que posso contar com eles em todos os momentos.

E por fim, agradecer a Deus, a Pachamama pelos ensinamentos, oportunidades, luz, força e proteção para superar todos desafios da vida. Agradecer por eu ter encontrado pessoas maravilhosas como essas em minha vida, pois tenho certeza que sem elas, meu projeto não teria sido o mesmo.

## RESUMO

Exposição sobre o Peru, cujo o objetivo é reafirmar a essência da cultura peruana levando em conta o ponto de vista do povo originário da região, disseminando essa cultura para América Latina e levando conhecimento da cultura do Peru para os brasileiros, de modo que desperte a curiosidade de querer aprender mais sobre ela e conseqüentemente dos povos andinos em geral, visto que existe um desconhecimento a respeito desse assunto.

Palavras-chaves: Identidade Visual, Exposição, Design, Cultura, Peru

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1   Cosmovisão Andina .....	38
Figura 2   Vogue Brasil 2012.....	26
Figura 3   Vogue Brasil 2012.....	27
Figura 4   Virgens Urbanas .....	40
Figura 5   Virgens Urbanas .....	40
Figura 6   Martín Chambi .....	41
Figura 7   Quencoro .....	48
Figura 8   Quencoro .....	48
Figura 9   Alta Moda.....	42
Figura 10   Alta Moda.....	42
Figura 11   Los Adivinos del Mercado Central de Cuzco .....	43
Figura 12   Los Adivinos del Mercado Central de Cuzco .....	43
Figura 13   Sujeitos de derecho relatos sobre inclusión.....	44
Figura 14   Sujeitos de derecho relatos sobre inclusión.....	44
Figura 15   Mamacha .....	49
Figura 16   Foto de Abigail Goil.....	51
Figura 17   Foto de Abigail Goil.....	51
Figura 18   Candelaria Festival, Puno, 2017.....	50
Figura 19   Candelaria Festival, Puno, 2017.....	50
Figura 20   Inti Raymi.....	46
Figura 21   Inti Raymi.....	46
Figura 22   Foto da Flora Dias .....	47
Figura 23   Foto de Flora Dias .....	47
Figura 24   Foto de Marianna Miranda.....	52
Figura 25   Foto de Bianca Miranda .....	52
Figura 26   Foto de Bianca Miranda .....	53
Figura 27   Planta Baixa.....	53
Figura 28   Tamanho do Módulo .....	54
Figura 29   Vista frontal do Módulo .....	54
Figura 30   Vista Frontal do Módulo .....	55
Figura 31   Forma Básica .....	58
Figura 32   Testes Logotipo .....	58
Figura 33   Testes Logotipo .....	58
Figura 34   Testes Logotipo .....	59
Figura 35   Teste Logotipo.....	59
Figura 36   Logotipo .....	60
Figura 37   Paleta de cores .....	60
Figura 38   Bandeira Whipala.....	61
Figura 39   Padronagem .....	62
Figura 40   Padronagem .....	62

Figura 41   Vista Frontal do nicho .....	63
Figura 42   Vista frontal do Nicho .....	63
Figura 43   Vista frontal do nicho .....	64
Figura 44   Vista frontal do nicho .....	64
Figura 45   Planificação .....	65
Figura 46   Planificação .....	66
Figura 47   Planificação .....	67
Figura 48   Planificação .....	68
Figura 49   Planificação .....	69
Figura 50   Planificação .....	70
Figura 51   Layout da Exposição .....	71
Figura 52   Layout da Exposição .....	71
Figura 53   Layout da Exposição .....	72
Figura 54   Layout da Exposição .....	72
Figura 55   Layout da Exposição .....	73
Figura 56   Layout da Exposição .....	73
Figura 57   Layout da Exposição .....	74
Figura 58   Layout da Exposição .....	74
Figura 59   Layout da Exposição .....	75
Figura 60   Layout da Exposição .....	75
Figura 61   Cartaz.....	77
Figura 62   Cartaz.....	78
Figura 63   Banca de jornal.....	79
Figura 64   Metrô .....	79
Figura 65   Ponto de ônibus .....	80
Figura 66   Parte externa do CCBB .....	80
Figura 67   Interior do CCBB .....	81
Figura 68   Fachada CCBB .....	81
Figura 69   Cartões postais.....	82
Figura 70   Cartões postais.....	83
Figura 71   Cartões postais.....	84
Figura 72   Cartão postal frente .....	85
Figura 73   Cartão postal verso .....	85
Figura 74   Catálogo.....	86
Figura 75   Catálogo.....	87
Figura 76   Catálogo.....	87
Figura 77   Catálogo.....	88
Figura 78   Catálogo.....	89
Figura 79   Catálogo.....	89

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS MODERNIDADE</b> .....	10
2.1. Identidade.....	10
2.2. Cultura.....	12
2.3. Identidade Cultural.....	14
2.4. Globalização.....	15
<b>3. POVOS ANDINOS</b> .....	19
3.1. Andinidades.....	22
<b>4. DECOLONIALIDADE</b> .....	22
<b>5. PROJETO</b> .....	26
5.1. Conceituação.....	26
5.2. Por que Peru? .....	26
5.3. Levantamento de dados.....	30
5.4. Percurso da exposição.....	36
5.5. Nichos.....	38
5.6. Naming.....	58
5.7. Identidade Visual.....	59
5.8. Aplicações.....	78
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	92
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	93
<b>8. SITES UTILIZADOS</b> .....	94

## 1. Introdução

Dois motivos principais impulsionaram minha pesquisa. O primeiro motivo foi uma aula sobre os Povos Pré-históricos na disciplina de História da Moda no curso de Produção de Moda no Polo Criativo. Nessa disciplina foi dada uma breve explicação sobre os povos, como por exemplo: Os gregos, Romanos, Persas, Assírios e Antigo Egito.

Em nenhum momento da disciplina foram citados os povos da América Latina, o que também já ocorreu em outras aulas do ensino fundamental ou ensino médio. Essa ausência da explicação sobre a cultura dos povos da América Latina me levou a uma reflexão sobre o processo de colonização da América.

Uma visita ao Museu de Arte-Pré Colombiano gerou mais uma vez uma reflexão. Esse museu contém todo o acervo e conta a história de toda a cultura dos povos da América, da América Latina até a Central: uma cultura muito rica, diversa de informação, conhecimento e aprendizado para ser pesquisada em pouco tempo e ao mesmo tempo também muito desconhecida por nós brasileiros, por causa da influência da cultura europeia em nosso país.

A partir dessas duas experiências, e com o intuito de ampliar o conhecimento dos brasileiros acerca da cultura andina, escolhi desenvolver o projeto de uma exposição, de maneira a despertar a curiosidade do público e o desejo nele em aprender mais sobre esses povos.

A princípio foi realizada uma leitura da monografia da pesquisadora peruana Ketty Aire Laureano (Migração e Identidade, Um estudo sobre os andinos no Rio de Janeiro, 2017) abordava a migração dos povos andinos no Rio de Janeiro. Essa monografia trata de assuntos como: a identidade dos povos andinos, migração vertical, entrevistas com andinos que moram no Rio de Janeiro e racismo.

Essa leitura confirmou mais uma vez que a cultura desses povos sofria muito com o desconhecimento dos brasileiros e com a estrutura política do Brasil e para conhecer e aprender mais sobre o tema entrevistei a pesquisadora que dissertou sobre essa



situação. A partir disso, o termo Decolonialidade, usado pela autora e que será abordado mais adiante, passou a ser fundamental para este projeto.

O termo decolonialidade foi originalmente criado por Catherine Walsh, conhecida como a “Pedagoga da Decolonialidade”. Ela é professora e diretora da Pós-Graduação em Estudos Culturais da América Latina na Universidade Andina Simón Bolívar, sede do Equador, onde também dirige a Oficina Intercultural e a Cátedra de Estudos da Diáspora Afro-Andina. Ele surgiu a partir de uma proposta crítica a todas as formas de dominação.

O pensamento decolonial busca a emancipação total de todos os tipos de opressão e dominação, de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos locais, desconstruir o termo colônia, eliminando a dominação européia.

O objetivo principal da criação dessa exposição é instigar e despertar a curiosidade dos brasileiros a respeito da cultura peruana, reafirmando sua essência e divulgando-a para eles.

## 2. Identidade Cultural na Pós- Modernidade

### 2.1. Identidade

Do latim “identitas”, a identidade é o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Esses traços caracterizam o sujeito ou a coletividade perante os demais.

De acordo com a definição do dicionário online Português (DICIO, 2019, Disponível em <https://www.dicio.com.br/identidade/> Acesso 15 julho 2019)

identidade é o conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa, que torna possível sua identificação ou reconhecimento; semelhança; em que há ou expressa similaridade, relação de conformidade: identidade de conceitos, de pontos de vista, igualdade; qualidade ou particularidade do que é idêntico, rigorosamente igual em relação a outro(s): identidade de opiniões.

Para a sociologia, identidade é o compartilhar de várias ideias e ideais de um determinado grupo. O indivíduo forma sua personalidade, mas também a recebe do meio onde realiza sua interação social.

Argumentos trazidos por Stuart Hall serão apresentados no decorrer do texto, sobre conceito de identidade em seu livro “ Identidade cultural na pós modernidade”. Stuart Hall (1932-2014) foi um jamaicano que viveu e trabalhou na Inglaterra, circulando constantemente entre culturas diferentes em seu próprio processo de identificação. Esta experiência o motivou e inspirou para as reflexões que construiu acerca da identidade, dentro da perspectiva dos estudos culturais. Seu livro contribuiu para uma discussão a cerca de cultura e identidade, tendo como objetivo apresentar algumas questões de identidade cultural, considerando os conceitos de sujeito e identidade do período da modernidade até a pós-modernidade. A obra analisa uma possível existência de uma crise de identidade, pesquisando os caminhos percorridos por essa crise e propondo novos ponto de vistas para a temática da identidade.

Hall afirma que existem historicamente três concepções diferentes de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo é o indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão, numa perspectiva individualista da composição deste sujeito. O segundo tipo, o sujeito sociológico, presente no mundo moderno, não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros, formado na relação entre o “eu” e a “sociedade”. Por último, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, possibilitando um debate em torno da crise de identidade.

A identidade, de acordo com essa concepção sociológica, ocupa o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público. Projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, tornando os “parte de nós”. Argumenta-se, entretanto, que o sujeito, primeiramente, possui uma identidade unificada e estável, porém isso está se fragmentando. A identidade é composta não de uma única, mas de várias identificações, algumas vezes não resolvidas e contraditórias. Assim, as identidades estão entrando em crise (colapso), por causa de mudanças estruturais e institucionais. “O sujeito pós-moderno, dito como não possuir uma identidade fixa, é formada e modificada constantemente em relação às formas pelas quais somos representados ou questionados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987, p. 11 ).”

O sujeito, portanto, assume identidades diferentes em diversos momentos, identidades que não são unidas ao redor de um "eu". Dentro de nós, há identidades conflituosas, sendo empurradas em diferentes sentidos e sendo mudadas de lugar constantemente. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (HALL, 1990, p. 12)”.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 1990, p. 12)

Stuart Hall conclui sua exposição com a afirmação de Freud de que a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inerente, existente na consciência no momento do nascimento. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos vê-la como um processo em andamento.

Como afirma Hall (2001, p. 39) “Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que elaboram as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade, porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”.

## **2.2. Cultura**

Buscando uma definição de cultura de acordo com o dicionário online de Português (DICIO, 2019, Disponível em <https://www.dicio.com.br/cultura/> Acesso 17 julho 2019) encontramos:

são um conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade, como por exemplo: cultura inca, a cultura helenística e entre outros. São normas de comportamento, saberes, hábitos ou crenças que diferenciam um grupo de outro, que provêm de culturas distintas, conjunto dos conhecimentos adquirido (instrução). Quando um leigo se refere ao termo cultura, geralmente ele tem em mente o conceito mais ilustrado ao dizer que são manifestações culturais, como o teatro, dança, cinema e as artes.

Em diferentes contextos, o significado de cultura assume diferentes ponto de vistas. No campo das ciências sociais podemos afirmar resumidamente que:

Simboliza tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que lhe confere uma identidade dentro do grupo a que pertence. É um conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva. Não existindo culturas superiores, nem inferiores

pois a cultura é relativa, designando-se em sociologia por relativismo cultural ou seja apesar de existir entre muitas sociedades traços culturais comuns há valores e normas diferentes que lhes confere padrões culturais distintos. (MORGADO, 2014, p.1)

A cultura de uma sociedade é transmitida de geração para geração, dos adultos aos mais jovens pela educação, propagando então conhecimento, valores, as técnicas, o modo de viver. Sendo assim um processo social, resultante de uma aprendizagem. Ela é a vida de um povo, a herança que o indivíduo adquire de seu grupo, sendo considerada parte do ambiente da própria pessoa.

Cada sociedade transmite às novas gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados. A cultura então é uma herança social. Ela pode ser transmitida na sociedade através de uma convivência com grupos.

No campo da Antropologia, temos várias tentativas de conceitualizar o que significa “cultura”. Apesar da palavra cultura não ser atual, seu estudo começou a ganhar mais relevância a partir do século XVIII, quando a Antropologia passou a ser uma área de conhecimento.

O debate antropológico ganhou destaque somente a partir do século XIX com uma sistematização do conhecimento. A partir disso, surgiram novas pesquisas acerca da preocupação de estabelecer leis gerais para a interpretação e descrição para o fenômeno da cultura.

### 2.3. Identidade Cultural

A identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece uma união de determinados valores entre os membros de uma sociedade e que está em constante mudança em relação à sua conceitualização envolvendo tempo e espaço.

Segundo Hall (1999), uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Ao analisar essa questão, este autor foca particularmente as identidades culturais mencionadas às culturas nacionais. Para ele, a nação é, além de uma entidade política – o Estado –, ela é um "sistema de representação cultural". Em outras palavras, a nação é formada de representações e símbolos que se baseiam na formação de uma dada identidade nacional.

Hall ainda afirma que as culturas nacionais são compostas de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a ideia que temos de nós mesmos. Um cultura constrói identidades.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior de uma representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" veio a ser representada como um conjunto de significados pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentido num sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade (SCHWARZ, 1986, p.106).

Hall se questiona sobre quais são as estratégias de representatividade que constroem nosso senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional e quais são as representações que definem as identidades de um povo e como é contada a narrativa de cultura nacional. Ele define isso em cinco elementos principais: narrativa da nação;

ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; invenção da tradição; mito fundacional; ideia de um povo ou “folk” puro, original.

A narrativa da nação é contada e recontada nas histórias, nas literaturas, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de histórias, imagens, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas que dão sentido à nação.

Outra estratégia de representatividade é a do mito fundacional. Ele é uma história que detecta a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional em um passado tão distante que se perde. Mitos de origem também fornecem uma narrativa por meio da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída. Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos.

A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um povo. Mas, é raramente esse povo primordial que persiste ou que exercita o poder. O discurso da cultura nacional constrói identidades que são colocadas, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade.

A cultura atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação. Ela se constitui, através de três conceitos, as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança.

Ela possui profundas divisões e diferenças internas. São ditas como “unificadas”, apenas diante de diferentes formas de poder cultural. Constituem um dispositivo discursivo que representa a diferença de unidade ou identidade. Uma maneira de unificá-la é representá-las como expressão da cultura contida de “um único povo”.

## **2.4 Globalização**

A comunicação está no centro da globalização e na sustentação da diversidade cultural. É com a comunicação que a pessoa expressa sua identidade, opinião e intenções e as debate

com outro indivíduos de culturas diferentes. A Globalização refere-se a processos que atuam numa escala global, atravessando fronteiras, integrando e conectando comunidades em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo mais conectados.

Os impactos produzidos na sociedade a partir dos meios de comunicação (rádio e televisão), com o aparecimento da indústria cultural provocaram mudanças na forma de conduta, atitudes, costumes e tendências das populações mundiais. A comunicação por satélite e o surgimento da internet intensificou tais transformações.

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia "global" de telecomunicações e uma "espaçonave planetária" de interdependências econômicas e ecológicas - para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas - e à medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais (HARVEY, 1989, p. 240).

Com a globalização a própria cultura é disseminada, tornando as tecnologias de informação, que ampliam esses contatos, ferramentas indispensáveis na educação de pessoas que não possuíam acesso a dados culturais de seu país. Quanto mais a sua vida social se torna controlada pelo mercado global de estilos, lugares, imagens, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem se tornar "independentes" e assim, somos confrontados por uma variedade de diferentes identidades. Uma consequência possível da globalização é a possibilidade de um fortalecimento das identidades locais ou de uma produção de novas identidades.

Em relação ao fenômeno da globalização, Hobsbawn (1991, p.206) dar destaque para o fato de que:

... A 'nação', hoje, visivelmente está em vias de perder uma parte importante de suas velhas funções, nominalmente aquela da constituição de uma 'economia nacional' confinada territorialmente (...). Desde a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente desde os anos 60, o papel das 'economias mundiais' tem sido corroído ou mesmo colocado em questão pelas principais transformações na divisão internacional do trabalho, cujas unidades básicas são



organizações de todos os tamanhos, multinacionais ou transnacionais, e pelo desenvolvimento correspondente dos centros internacionais e redes de transações econômicas que estão, para fins práticos, fora do controle dos governos e Estados... (HOBBSAWN, 1991, p.206)

A transmissão dos valores culturais se expandiu graças ao efeito da globalização. Observamos que as diferentes culturas e costumes interagiam entre si sem a necessidade de uma integração territorial. Porém, esse processo não se disseminou de forma igualitária, de forma que alguns centros economicamente dominantes transmitem em um número maior os seus elementos culturais.

Diante desse acontecimento, se fala muito sobre uma homogeneização das culturas, isto é, a padronização dos modos de ser e agir dos indivíduos com base em uma referência dominante, fazendo curvar-se aos valores locais e tradicionais. Desta maneira, o processo de globalização tem um resultado desfavorável, uma vez que ele não se democratiza inteiramente e só atinge os setores economicamente dominantes do mundo e das sociedades.

Existe uma hierarquia nos sistemas de comunicação. Apesar do surgimento da internet e da possibilidade de expressão por parte de inúmeras pessoas, ainda algumas formas de pensamento e ideias socialmente dominantes sobrepõem-se às demais, através dos elementos midiáticos. Isso ocorre com filmes e seriados, geralmente mantidos sob um padrão e influenciando os estereótipos comportamentais, confirmando cada vez mais a hegemonização cultural na globalização.

Por outro lado, podemos observar também a possibilidade dos costumes e valores locais se contraporem aos elementos globais. Isso ocorre a partir do momento em que comunidades tradicionais ou culturas regionais conseguem disseminar e divulgar para além de suas fronteiras as suas características. Com base nessa informação, podemos dizer que a Globalização promove uma heterogeneização cultural. “O processo pelo qual as culturas locais são transformadas ou absorvidas por uma cultura externa dominante.” (MALVETANO, 2018, p.1)

Kevin Robins nos faz lembrar que:

Embora tenha se projetado a si próprio como trans-histórico e transnacional, como a força transcendente e universalizadora da modernização e da modernidade, o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização - a exportação das mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais. Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações "estrangeiras" têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que, de forma não menos importante, o Ocidente vê-se face a face com a cultura "alienígena" e "exótica" de seu "Outro". A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso (ROBINS, 1991, p. 25).

Algumas identidades circulam ao redor da tradição, ou seja, elas tentam recuperar sua origem. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem um sentimento de um retorno ao passado. Elas são submetidas a nova cultura do local que estão, sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares de seu lugar de origem.

A globalização, segundo Giddens (1990), implica em um movimento que distancia a idéia sociológica clássica da sociedade e substitui pela ideia de a vida social está ordenada no tempo e o espaço. Um argumento importante para o impacto da Globalização sobre a identidade, é que o tempo e o espaço também influenciam nas concepções de identidade. Como resultados dessas novas características temporais e espaciais podemos observar três possíveis consequências sobre as identidades culturais, na visão de Stuart Hall (1998): As identidades nacionais estão se desintegrando como resultados do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global; as identidades nacionais e outras identidades locais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades híbridas estão tomando o seu lugar.

### **3. Povos Andinos**

A Cordilheira dos Andes é uma grande cadeia de montanhas que se estende por 7.500 quilômetros através da grande maioria de países da América do Sul vindo desde a Colômbia até a Patagônia, caracterizando a paisagem de Chile, Argentina, Peru, Bolívia, Equador e Colômbia, também conhecidos como América Andina. Ela acompanha a costa ocidental da América do Sul, banhada pelo oceano Pacífico bem próxima a uma falha geológica.

A cordilheira surgiu em consequência de um choque ocorrido entre duas placas tectônicas: há milhões de anos, a placa de Nazca moveu-se em direção à placa Sul-Americana, dando origem às elevadas montanhas que hoje formam a cordilheira dos Andes.

A cultura tradicional da América Andina é destacada pela sua vasta e diversificada área e tem como uma das características principais, o desafio da interação do ser humano com a grandiosa e instável natureza da região. Mais tarde e apesar dos séculos de perseguição e de extermínio físico e cultural sofrido pelas populações andinas, elas resistiram e, atualmente, isso resultou no resgate e valorização das tradições ancestrais.

A América Andina possui a mais vasta cadeia de montanhas do planeta, sendo que de um lado da cordilheira estende-se a floresta amazônica e do outro um litoral desértico. A Cordilheira dos Andes possui vários picos que se elevam acima dos 6.000 metros de altitude, cujo degelo forma diversos lagos e rios que correm para a bacia amazônica ou para o Oceano Pacífico.

Nesse território, a natureza impõe-se com toda a sua grandiosidade e força. Ali, o ser humano, assim como as outras espécies de animais e vegetais, tiveram que se adaptar para sobreviver, e, assim, interagir com a natureza por meio do respeito. A partir desses princípios, elaboraram sua cosmovisão e cosmogonia, desenvolveram ciência e tecnologia, filosofia e cultura, resultando em grandiosas civilizações, conhecidos como povos andinos.

Um elemento importante na consolidação da América do Sul andina é a presença do Tahuantinsuyu (Império Inca). Os Incas conseguiram unificar todo o território andino antigo e destacaram-se culturalmente no campo têxtil, na cerâmica, na música, nas danças, na escultura e na arquitetura, com a mundialmente conhecida cidade de Machu Picchu. Para Rostworowski (1999), Tahuantinsuyu, na língua quéchua, significa “cuatro regiones unidas entre sí” e é a total evidência de um desejo indígena de unidade, que manifesta um impulso de promover uma integração. Infelizmente, essa unidade que tanto almejam não se realizou em consequência da invasão e conquista da coroa espanhola no século XVI.

A rede de conhecimentos dos Incas se baseia em princípios ainda hoje vivos na cultura dos povos da região andina, e seu fundamento básico é a conexão: tudo está interligado, relacionado, conectado. Este princípio determinou, a filosofia andina, ou seja, complementaridade e reciprocidade, determinaram, na filosofia andina, uma ética essencialmente ecológica, onde as relações dos seres humanos com todas as outras formas de vida e manifestações da natureza devem ser baseadas no respeito e na reciprocidade.

A reciprocidade foi um elemento essencial na organização econômica e social da sociedade andina que, apesar de ter sofrido alterações ao longo do tempo, persiste na atualidade. O culto da reciprocidade constituía, essencialmente, em uma troca de bens e serviços não monetários sob o conceito do recíproco. Nesse sentido, a reciprocidade para os andinos representa um modo de produção de tipo comunitário.

A invasão e a conquista europeia impuseram outros valores e princípios aos indígenas. Assim, para manutenção dos princípios fundamentais da filosofia e cultura andina, foi de extrema necessidade desenvolver estratégias de resistência como o sincretismo e a mestiçagem. Dentre os exemplos de resistência, destacam-se as línguas nativas, principalmente o quechua e o aymara, idiomas falados por milhares de pessoas em países andinos e que atualmente são amplamente difundidos e ensinados em escolas.

Dessa forma, os recursos do sincretismo e da mestiçagem garantem a sobrevivência de valores e manifestações originárias, através da mistura e da transformação dos elementos

essencialmente indígenas. Em sua essência, a cultura e tradição andina apresentavam uma “abertura” aos valores e elementos externos.

Um recurso de sobrevivência da cultura andina foi o misticismo, assumindo assim uma áurea mística e religiosa. Com esse recurso, segredos e tradições foram cuidadosamente guardados. Com a utilização dessa estratégia desapareceram alguns avanços tecnológicos, enquanto permaneceram intocados alguns conhecimentos sobre a espiritualidade indígena. Mais tarde, de acordo com as profecias e a revelações de muitos segredos, a partir do final do século XX e início do século atual, despertou-se a curiosidade dos não-índios em busca de conhecimentos sobre isso.

Depois de realizada a conquista, a essência dos cultos e rituais indígenas foi mantida sob o catolicismo, em que divindades incaicas e pré-incas se “converteram” em santos da igreja. Nos dias de hoje, em plena era de comunicações instantâneas e espaços virtuais, o mundo tradicional andino mantém seu vigor e faz uso de recursos tecnológicos e de certas “modernidades” para dar prosseguimento à sua milenar história.

Pacha é uma palavra da língua ayamara-quechua, usada para falar sobre espaço-tempo, tudo que “pacha” contém, permite, sustenta e mantém a vida. “Somos todos Pacha, somos todos parte, nem mais nem menos, todos dependemos de todos, Somos todos uma família. Pacha é a unidade comum, a comunidade, Diversidade na unidade”

(INSUNZA, 2010, p.2)

Pachakuti significa revolução, mudança de ordem geral, transformação do tempo, do espaço e do mundo. A lenda oral andina fala de uma nova, que estaria acontecendo novamente neste tempo, ou seja, estamos vivendo em uma era em que o mundo passa por profundas transformações que se manifestam no caos do qual surgirá uma nova ordem. Também segundo essas crenças, após essa longa “noite” de 500 anos, que se iniciou com a chegada dos europeus ao continente, esse novo tempo será marcado pelo nascer de um tempo positivo e de reconhecimento para os povos andinos. (INSUNZA, 2010, p.2)

### **3.1 Andinidades**

Ketty Aire Laureano (2017, p.81) afirmou que se entende o andino como produto de uma grande diversidade, uma mistura que atravessa todos os âmbitos da vida. O andino atravessa por uma infinidade de acepções: existem várias leituras para compreender e viver as andinidades em tempo e espaço. A partir de uma multiplicidade de identificações, cada um constrói uma definição particular do andino. O andino é passado, presente e futuro. O andino é uma construção vigente, atual e, sobretudo, dinâmica. O andino também é saudade e nostalgia por um passado que definiu suas bases. Portanto, o andino não é uma definição acabada, mas uma construção permanente.

Laureano realizou entrevistas com alguns andinos que moram no Rio de Janeiro com intuito de conhecer melhor seus pontos de vista a respeito do que é ser andino, suas identificações, a diferença entre eles e os cariocas, o motivo de sua migração e os costumes e a cultura de seu país. Normalmente foi abordado assuntos sobre racismo e preconceito.

Igualar todos os andinos sobre seus princípios, seria ignorar toda sua diversidade e complexidade. Os andinos mantêm uma relação de pertencimento com o seu território de origem, portanto a migração não expressa desenraizamento, mas um novo significado para suas relações sociais. O andino é considerado uma cultura viva e elemento unificador da América Latina.

## **4. Decolonialidade**

O preconceito e o racismo vivido pelos andinos nos traz a importância da decolonialidade nos dias de hoje mas, iniciaremos com a definição da palavra “colonizar” de acordo com o dicionário Aurélio, significa : Fazer com que seja transformado em colônia; [Figurado] Tomar conta de; propagar-se; invadir: algumas plantas colonizam o jardim inteiro.

A colonização espanhola na América se caracterizou pela modificação da estrutura política, econômica e religiosa das sociedades que habitavam naquele território. Após a conquista era preciso ocupar o território americano. Afinal, os reis precisavam dominar mais regiões e mercados para legitimar sua existência. Igualmente, desejava-se expandir a fé católica.

O colonialismo europeu resultou em profundas marcas na civilização dos povos colonizados. A situação colonial provocou grandes transformações na cultura dos países que sofreram nesse processo de colonização decorrido desde o final do século XIX até a primeira metade do século XX.

Apesar de as nações africanas e indígenas tenham conseguido suas independências políticas mediante um movimento de resistência, adentrando no período pós-colonial, observam-se as alterações culturais ocorridas na vida dos mais variados povos integrantes desse continente. “Caracteriza a noção de colonialidade como um fenômeno, em que os laços de subordinação se reproduzem e persistem por parte da cultura dominante. Na atualidade, esses laços são mantidos pelas “elites brancas” que continuaram controlando as estruturas políticas e econômicas” (GROSGOUEL, 2007, p.15). “

O sociólogo peruano Quijano (1991), no início da década de 1990, formulou a teoria da “colonialidad del poder”, ou seja, que o poder é definido como “uma relação social de dominação, exploração e conflito pelo controle de cada um dos âmbitos da experiência humana” (QUIJANO, 1991, p.10).

A maioria das nações consistem de culturas desunidas que foram unificadas por um longo processo de conquista violenta. As nações ocidentais modernas foram também os centros de impérios, exercendo uma hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados, atitude a qual se repetiu ao longo da Europa. Cada conquista forçou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições e tentou impor uma hegemonia cultural mais padronizada.

<sup>1</sup>De acordo com fontes retiradas do site da Agência Brasil (AGÊNCIA, 2014):

---

<sup>1</sup> AGÊNCIA, **Agência Brasil**, 2014, Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/relatorio-da-onu-aponta-aumenta-do-numero-de-indigenas-na-america> Acesso em: 16 julho, 2019.

A América Latina tem cerca de 45 milhões de indígenas em 826 comunidades que representam 8,3% da população, revela o relatório Povos Indígenas na América Latina: Progressos da Última Década e Desafios para Garantir seus Direitos. O documento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) foi apresentado hoje (22), na sede das Nações Unidas, em Nova York, onde ocorre a 1ª Conferência Mundial sobre os Povos Indígenas.

Segundo a Cepal, o número de 45 milhões de indígenas em 2010 representa aumento de 49,3% em dez anos. Em relatório de 2007, a Cepal estimou que havia 30 milhões de indígenas no ano de 2000 na América Latina, quando foram identificados 642 povos. A Cepal atribui esse aumento à melhoria da informação estatística nos últimos anos e à maior autoidentificação por parte dos povos em sua luta por reconhecimento.

O relatório mostra que, dos 45 milhões de indígenas, 17 milhões vivem no México e 7 milhões, no Peru. Entretanto, os países com maior proporção de população indígena são Bolívia (62,2%), Guatemala (41%), Peru (24,0%) e México (15,1%).

Contrapondo com o processo de colonização e o termo “Decolonialidade” surge a partir de uma proposta crítica a todas as formas de dominação. Isso permite retomar o espaço político e econômico com a intuito de reforçar as identidades étnico-culturais e ocasionar o respeito às diferenças.

Laureano em entrevista, diz que “É uma ideia conceitual de valorizar e revalorizar o que se tem e produzir conteúdo do próprio entorno, ir analisando nossa cultura, analisar nós mesmos, a partir de nossas produções. Não significa também um “Morte a Europa ou EUA”, mas dar importância às nossas produções”

O pensamento decolonial busca a emancipação total de todos os tipos de opressão e dominação, de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos locais. Ele tem como função a decolonialidade do poder. Significa uma desconstrução de todas as ideias que vem da Europa e dar ênfase em ideias das próprias regiões, eliminando essa dominação européia.



A interculturalidade, em termos gerais, tem como definição a diversidade cultural que se manifesta nas sociedades. Walsh (2009, p.42) entende por multiculturalismo a “multiplicidade de culturas dentro de um determinado espaço – local, regional, nacional ou internacional – sem ter necessariamente uma relação entre elas”. Levando em consideração essas definições, esse conceito é relacionado ao contexto dos Estados Unidos e às minorias nacionais, tanto negras, quanto indígenas e de imigrantes. Resultando em uma teoria ineficiente, quando refere-se à descrever a diversidade dos povos indígenas dos países de América Latina.

Em entrevista com Laureano ela afirma:

“A definição de Interculturalidade é diferente: eles afirmam que temos muitas culturas, mas quando, por exemplo: o governo quer oferecer uma política para o Brasil e seus povos, não se pode dar uma política apenas para uma cultura, pois nem todas as culturas são iguais e nem todas são valorizadas do mesmo jeito. Então a interculturalidade pergunta “se aqui tem uma cultura, qual é a representação deles? Qual é a estrutura deles e qual o poder que eles tem ? . Levam em consideração, apenas essa questão do poder. Esse comportamento é errado, porque algumas culturas estão debaixo de outras. O que querem na interculturalidade é ter um olhar de igual pra igual, olhar todas as culturas, olhar as diferenças e saber que lamentavelmente existe uma cultura superior que é a branca. Temos outras representações como os negros e os indígenas que não tem o mesmo poder.”

Dessa forma, as representações dos povos indígenas, na presença da interculturalidade, passam a decolonizar as estruturas de dominação e a recuperar seu espaço político e econômico. Em conjunto com isso, a necessidade pelo reconhecimento da diversidade cultural contribuíram muito na mudança de suas identificações. O “índio” que tinha uma conotação negativa passou a ser, para os movimentos, um termo de identificação positiva.

Em entrevista com Salazar, ela afirma: “O branco dominou. No Peru a conquista foi feita por brancos e o índio não tinha voz. O negro no Peru veio em segunda geração, não foi como no Brasil, que os negros vieram direto. No Peru, os negros vieram do Panamá. Quando a população indígena começou a morrer por conta de toda a exploração. Foram os negros que mais se adaptaram ao clima. “

Concluindo, diante dessa premissa, considera-se importante a proposta de Walsh (2009) sobre o respeito à diversidade por meio de políticas interculturais. No mesmo caminho, o enfoque decolonial tenta romper com a história hegemônica de uma cultura dominante e outra subordinada, dessa maneira se pretende reforçar as identidades tradicionalmente excluídas. A finalidade é um conviver de respeito e legitimidade entre todos os grupos da sociedade.

## 5. Projeto

### 5.1. Conceituação

Este projeto visa desenvolver uma exposição itinerante pelo Brasil repleta de diversidade destinada ao público brasileiro e também aos peruanos que morem no Brasil. Tem como objetivo reafirmar a essência da cultura peruana, disseminando-a para os brasileiros. Contrapondo com o processo de colonização da América Latina, essa exposição utiliza o termo “Decolonialidade”.

A Edição da revista Vogue Brasil de 2012 sobre o Peru, visto com o olhar europeu. Na capa, a imagem de uma modelo holandesa vestida com traje típico peruano e com a chamada “Neon, prata e estampas étnicas: o verão brasileiro vai ser do Peru”. Essa edição causou reflexão a respeito do olhar de dominação do colonizador, não representando o povo originário do Peru, reforçando estereótipos a respeito dessa cultura.



Figura 1 - Vogue Brasil 2012



Figura 2 - Vogue Brasil 2012

A exposição pretende mostrar os olhares locais e estrangeiros de diversos artistas acerca da cultura peruana, de maneira a despertar o interesse e curiosidade pelo país.

## 5.2. Por que Peru?

Os motivos principais por ter escolhido o Peru foi a diversidade do país, diversidade em cores, línguas, paisagens, crenças, músicas e danças, o respeito pela natureza e por ter sido um país em que habitou a civilização mais antiga da América, na Cidade Sagrada de Caral, que segundo os pesquisadores, tem mais de 5 mil anos de história. Diferente das demais, essa cidade se desenvolveu de forma isolada porque não possuiu nenhum contato com outras culturas de outros continentes. Localizada no Norte de Lima, , ela representa a origem da cultura andina.

No território peruano se desenvolveram várias civilizações pré-colombianas. Uma das mais antigas, a Inca, alcançou sua grandiosidade no final do segundo milênio antes da era cristã. Durante muitos anos o povo inca só estendeu seus domínios a poucos quilômetros em torno de sua capital, Cuzco. Na segunda metade do século XV, um grande soberano, Pachacutec Inca Yupanqui, e seu filho, Tupac Inca Yupanqui, expandiram seus domínios, até formar o maior império conhecido na América do Sul pré-colombiana. Primeiro se apropriaram dos territórios aimarás em torno do lago Titicaca. Mais tarde, caíram em seu poder os diversos povos do norte e do oeste, entre os quais o poderoso reino Chimú.

Depois do descobrimento do Pacífico, expedições espanholas, a partir do Panamá, exploraram as costas sul-americanas daquele oceano e tiveram conhecimento da existência de um grande império na região. Francisco Pizarro obteve do imperador Carlos V (I da Espanha) autorização para proceder à conquista e dominação daquelas terras. No início de 1531, Pizarro, à frente de 180 homens, desembarcou na costa peruana, de onde avançou ao encontro do imperador inca, que se encontrava em Cajamarca.

Atahualpa acabava de conquistar o trono em luta civil contra seu irmão Huáscar. Rodeado por um exército de trinta mil homens, não podia imaginar a superioridade bélica do pequeno contingente de invasores, equipados com armas de fogo. Depois de fazer executar o soberano, em novembro de 1533, Pizarro entrou sem resistência em Cuzco.

A colônia logo organizou a divisão de terras e riquezas entre os conquistadores. Francisco Pizarro, diante dos inconvenientes que representavam a distância e a grande altitude de Cuzco, fundou em 1535 a cidade de Lima, perto da costa, para facilitar a comunicação marítima com o Panamá e com a metrópole.

A fabulosa jazida de prata de Potosí, no Alto Peru (posterior Bolívia), foi localizada em meados do século XVI, e a descoberta foi seguida por muitas outras. A extração de minerais e seu embarque para a Europa foram as mais importantes atividades econômicas da colônia. Transformada em capital do vice-reino, Lima, durante dois séculos, estendeu sua influência sobre a maior parte da América do Sul, do rio da Prata às costas do Caribe.

A criação do vice-reino de Nova Granada, em 1739, privou Lima de sua autoridade sobre os territórios que mais tarde constituiriam o Panamá, a Colômbia e o Equador. Em 1776 ocorreu a separação do vice-reino do rio da Prata, que englobou a rica zona mineira do Alto Peru. A liberação do comércio na época de Carlos III foi outro duro golpe para a capital. Uma grande revolta indígena comandada por Tupac Amaru (José Gabriel Condorcanqui) paralisou, de 1780 a 1783, a vida econômica do país. As idéias européias também foram se infiltrando pouco a pouco na fechada sociedade limenha do fim do século XVIII, e a capital do vice-reino começou a contar com instituições culturais modernas e publicações periódicas.

A cultura do Peru foi uma cultura criada a partir de costumes, práticas, códigos, normas, formas de vida e tradições existentes na sociedade peruana. É isso que dá uma identidade nacional ao país. Como vimos, desde o período pré-colombiano o Peru foi o centro de várias civilizações que terminou com a conquista espanhola, cuja influência cultural marca e domina o Peru até hoje, tais como atestadas pela notável arquitetura, com excelente cerâmica, fina ourivesaria, escultura e construção monumental.

O desenvolvimento da agricultura nessa região, desde cedo foi notável, utilizaram-se de obras de irrigação, campos de cultivo em terraços e em especial a manutenção e desenvolvimento de várias espécies vegetais, que depois espalhadas pelo mundo todo, como é o caso do tomate, das batatas e da coca.

Os incas usufruíram dessa cultura, não apenas mantendo, mas o acrescentando e disseminando pela ampla região andina da América do Sul, tornando-se grandes construtores. A conhecida cidade de Machu Picchu e os edifícios de Cuzco são o exemplos de sua grandiosa arquitetura .

O grande legado cultural do Peru antigo também se expressa na pluralidade de línguas nativas que existem em seu território. O espanhol é o idioma oficial, utilizado em grande parte do país. Também são reconhecidos constitucionalmente, o quechua, falado em várias regiões andinas, com suas variantes e o aymara, predominante no sul dos Andes. O shipibo, o ashaninka, o aguaruna, utilizados por comunidades da Amazônia, são algumas das 43 línguas nativas identificadas no país.

A liberdade de culto é uma regra no Peru, embora a religião predominante seja a católica, herdada também dos espanhóis. As festas religiosas têm uma forte influência espanhola, mas são uma expressão de sua convivência com a diversidade de crenças e cultos de nossas culturas pré-hispânicas.

A união de credos, costumes e vivências criou na vida dos peruanos cerca de 3.000 festas populares por ano, entre festas de santos padroeiros, procissões, carnavais e rituais, expressão da fé em um Deus, do respeito pela natureza e da celebração da liberdade. As festas no Peru têm um ar místico, a maioria manifesta a integração do catolicismo com as tradições pré-hispânicas de cada região. A gratificação à terra é parte das principais

celebrações em todas as regiões, sob o conceito de retribuir à Pachamama (Mãe Terra) por sua eterna generosidade.

No Peru, comer é um culto, é expressão de suas múltiplas culturas convivendo em um único território, tornou-se parte da identidade nacional, um elemento unificador do país.

Os peruanos se tornaram especialistas em experimentar novos sabores, em harmonizar aromas e descobrir modos de cozinhar, e para isso a diversidade de sua produção agrícola, seus climas, sua geografia tão variada, suas múltiplas culturas e a esperteza de seus cozinheiros enriqueceram sua culinária.

Os antigos peruanos foram artesãos e desenvolveram um alto nível tecnológico nesta atividade. A arte do Peru pré-colombiano tem registro desde tempos milenares em tecidos, cabaças, madeira, pedra, ouro, prata, cerâmica, qualquer material onde fosse possível expressar parte das vivências cotidianas. Esta herança ancestral é encontrada ainda hoje nos vilarejos da costa, serra e floresta, em variadas peças de grande qualidade em tecidos.

Desde a época pré-colombiana, a música e a dança sempre tiveram um papel importante na sociedade peruana. Os antigos peruanos utilizaram os caracóis do mar, as taquaras, e ossos de animais para emitir sons. Com suas múltiplas culturas, hoje o Peru tem um variado folclore, uma diversidade de expressões musicais e danças, que combinam os gêneros e o espírito indígena com a influência hispânica, assim como estilos modernos que foram se adequando ao gosto dos grupos sociais que compõem a maioria.

Hoje o valor dos Andes e da Amazônia por tudo o que eles representam em termos de recursos e tradição milenar são reconhecidos pelos peruanos.

Sua origem andina confrontou-se com o espírito conquistador e colonizador espanhol, cheia de contradições, que são o resultado de princípios de vida e valores diferentes. As circunstâncias acrescentaram a esta mistura outros elementos com novas complexidades. Uma identidade rica, diversificada, de raízes andinas com forte influência estrangeira.

### 5.3 Levantamentos de Dados

As migrações dos andinos geralmente se caracterizam pelo aspecto basicamente acadêmico, laboral e afetivo. Portanto, a migração não representa afastamento, distanciamento, separação ou esfriamento, a migração é pertinência e ressignificação das relações com sua terra natal, com suas famílias, já que simbolicamente é possível estar aqui e lá ao mesmo tempo.

O intuito é mostrar a migração como um direito de buscar outras maneiras de vida. Os migrantes enfrentam uma luta simbólica em diferentes modos de pertencimento, resgatando a configuração e reconfiguração das identidades entre o desarraigamento territorial e cultural, e no processo de adaptação sociocultural que experimentam os andinos no Brasil. De acordo com o Consulado Peruano, existem 7.000 peruanos morando no Rio de Janeiro.

A base do meu projeto, como vimos anteriormente, se iniciou com entrevistas. Os relatos orais foram necessários para ouvir o outro para melhor entendimento da cultura sem pré-conceitos. Foi realizado de início, um roteiro com perguntas principais para iniciar essa pesquisa, como:

1. Nome
2. Idade
3. Profissão
4. Você se identifica como Andino? Se não ou sim, porque? Como você se identifica?
5. Conte-me um pouco sobre seu país de origem. Um exemplo: sua cultura, suas origens, da relação com a natureza. Sobre uma característica própria do país. O que se sentir livre pra falar, qualquer coisa.
6. O que você sentiu de diferente ao morar no Rio de Janeiro? Qual a diferença da sua cidade pro Rio de Janeiro?
7. Quais motivos te fez vim pro Rio de Janeiro?
8. Qual costume você ainda mantém de sua cidade?
9. Conte um pouco sobre você, sobre sua vida, sua história de vida

Após feito um roteiro semi estruturado, foram realizadas entrevistas com três peruanas que moram no Rio de Janeiro. Algumas já citadas no decorrer desta monografia, as entrevistadas foram: Ketty Aire Laureano e Rocío Salazar e Margarita Isabel.

Maria Isabel, mulher, peruana que mora no Rio de Janeiro desde 1982, chefe de cozinha do restaurante peruano Intihuasi localizado no Flamengo. Desde de pequena ela saboreou variados pratos típicos do litoral peruano e em casa, ela sempre preparava as refeições com muito cuidado e carinho.

Seu restaurante existe há 15 anos e desde que abriu junto com o seu marido, observou que a cultura peruana não era presente no Rio de Janeiro, desde o início percebeu que através da comida, haveria um interesse maior pela cultura peruana, já que a comida é uma expressão cultural de um povo. Ela afirma que: “Senti falta da diversidade dessa expressão cultural, da comida aqui no Rio de Janeiro. Nós vamos procurar manter bem enraizado, bem tradicional, oferecendo comidas típicas e suas diferentes formas de fazer. Você pode fazer algo mais simples ou mais elaborado, porém sempre procurando raízes. Desde que abrimos o Restaurante Intihuasi, em 2004, busquei sempre o aperfeiçoamento profissional na área da gastronomia peruana. Afinal, a boa culinária tradicional que me era familiar, havia evoluído no Peru e era reconhecida a nível mundial.”

Seu marido comentou sobre o cardápio, afirmou que o cardápio é uma recuperação daquele sentido da comida peruana de pedir uma entrada e um segundo prato, visto que é uma tradição: prato de entrada, segundo prato e tradição. Observaram que essa forma estava se perdendo em seu restaurante e para recuperar esse costume, eles diminuíram as porções. Ele afirma que: “Existe uma diversidade enorme de culturas internas, aqui no Brasil a gente observa, mas são quase regionais, você tem a cultura do Rio de Janeiro, a do Nordeste, da Amazônia. O Peru é um país muito menor, você tem uma multiplicidade, você anda 30 km e a cultura muda. Cidades bastante próximas com culturas bem diferentes. No Peru você tem vários extratos culturais, por conta do contexto histórico do país e suas diversas civilizações que foram evoluindo ao longo do tempo. No contexto geografico, no Peru existem tem climas muito próximos: a Costa, a Serra e a Selva. A Costa são basicamente desertos e rios que descem e formam áreas isoladas de uma civilização de um rio e outra de outro rio, isso permite que determinadas espécies se desenvolvam pra aquela região, além da questão de altitude que começa do Oceano



Pacífico e desde para Amazônia, gerando essa multiplicidade de comida, tecidos, desenhos, cerâmicas e étnicas. Cada região preservou o desenho típico de sua comunidade “

Rocío Salazar, mulher, peruana que mora no Rio de Janeiro há 25 anos e trabalha no Consulado do Peru no Rio de Janeiro. Ela afirma que: “Para o mundo me considero latino-americano. No Peru me identifico como índia e chola”. Ela confirma que o termo índia e chola são vistos com preconceito no Peru – um preconceito que eles têm com eles mesmos. Salazar diz que o racismo existe em relação aos andinos nos países da América Latina, ainda que a população indígena seja maioria. No Peru, ela sublinha, tem que se lidar muito com esse racismo, pois quanto mais escuro você for, pior é. Foi perguntado “Como os peruanos tem tanto preconceito com o índio?”, ao que ela respondeu “Como o brasileiro tem tanto preconceito com os negros?” Um preconceito que eles têm com eles mesmos. Como aqui no Brasil, o racismo existe, dizendo que a população negra é maioria no Brasil. No Peru você tem que lidar muito com esse racismo. “Quanto mais escuro você for, é pior. O negro sofre mais preconceito que o mulato, são muitas variações de tons de pele. Uma mistura” ela disse. Se perguntam “ Como os peruanos tem tanto preconceito com o índio?” ela responde “Como o brasileiro tem tanto preconceito com os negros?”.

Laureano afirmou que é andina, mulher, latino-americana e Chola. Ela explica que Chola é uma forma de identificação, mas não é considerada apenas para as pessoas que moram na Serra, mas envolve uma questão fenotípica. Por exemplo, uma pessoa branca, que nasceu na Serra, não vai ser chamada de Chola, pois envolve um tipo físico e também uma questão social, econômica e da classe. Complementa que chola é um termo usado de forma negativa também, com muito preconceito. Um termo usado muito para xingamento, “chola de merda”, como acontece no próprio Peru. Mas a categoria Chola é usada diferente para cada país: na Bolívia é usado para identificar mulheres que usam saias grandes. Já no Equador, por exemplo, o termo mestiço é uma ofensa, eles falam índio ou indígena.” Em um outro contexto da entrevista, ela comenta que existe uma característica romântica do andino e diz que:

“ Nos colégios estudam a importância dos Incas, vão pra Serra e continuam falando dos Incas e isso acaba sendo hipocrisia, porque consideram os Incas e

tudo que se considera Andino de uma maneira exótica, mais romântica. A própria população não dão o seu valor, a cultura deles, o que eles representam, mas ao falar do valor econômico, isso é valorizado. Mas quando querem falar das próprias pessoas, dos seus direitos, não é valorizado (Isso acontece também no Equador, na Colômbia e na Bolívia). “

Laureano em entrevista afirma que a Pachamama, conhecida como a Mãe Terra, é um elemento em comum entre eles. Ela que representa a Deusa maior em muitas culturas, capaz de mudar todo o sentido na vida de muitas pessoas, trazendo prosperidade, sustento e boa energia. Porém em um aspecto negativo, a pobreza e o racismo que eles sofrem em seus próprios países e nos países para onde eles migram, como o Brasil, são dois elementos que os povos andinos têm em comum.

Os andinos no Rio de Janeiro enfrentam preconceito, discriminação e racismo. São responsabilizados pela crise econômica do país e são vistos como uma ameaça ao mercado de trabalho. Quando foram abordados os temas da discriminação e do racismo nas entrevistas, a resposta inicial é sempre um não. Posteriormente se lembram de um episódio, mas sem caracterizar como racismo. Finalmente, responsabilizam a situação aos outros ou responsabilizam-se. Laureano (2017, p.90) afirmou que a primeira reação é se culpabilizar, encontrar o motivo dentro de si mesmo. Por último, modificam seus padrões de comportamento para não vivenciar outro ato de racismo.

O termo indígena tem uma conotação negativa em quase todo o território peruano. As pessoas se autodenominam aimarás ou quéchuas, mas muito pouco se consideram indígenas.

Índio, indígena e gringo” são termos utilizados como insultos para se referir a nós, os andinos. Assim, nossas identidades/andinidades estão sendo confrontadas por discursos de ódio. Existe uma criminalização dos nossos costumes, línguas, formas de vestir, dos nossos fenótipos, do fato de não falar “bem” o português, de querer tentar construir uma vida em espaços que os brasileiros consideram que “não nos pertencem”. Somos discriminados tanto nos serviços públicos, quanto nos privados, por funcionários, policiais,

professores, motoristas, políticos e governantes. Por isso, ser andino no Rio de Janeiro é também sinônimo de resistência e de luta pelo reconhecimento e respeito de nossa diversidade cultural. (LAUREANO, 2017, p.90)

Em entrevista feita, Laureano afirma que: “Racismo e o preconceito são uma questão estrutural. Existem muitos mitos que acham dos andinos e de outros povos e isso tudo estabelece um suporte pro racismo estrutural. A informação é muito importante, mas a estrutura é racista quanto a nível acadêmico. Não é só falta de informação que ocasiona esses comportamentos, mas, especificamente no Brasil, envolve toda uma estrutura racista, não só com os andinos, mas também com seus próprios povos indígenas do país e com a população negra descendente do próprio país. Sinto falta de espaços sobre a cultura dos Andinos no Rio de Janeiro. Existem alguns espaços, mas são poucos.”

Na entrevista de Salazar, ela comentou que o carioca, o brasileiro em geral, sempre fala "latino" sem se sentir parte da América Latina, o que é estranho porque nos outros países, isso não acontece. “Vocês latinos” é um termo usado com muito preconceito, mas por falta de conhecimento (porque ouviu falar), Explica que se o termo fosse usado na Alemanha, por exemplo, seria diferente: “O olhar muda quando se refere aos latinos”. E conclui: o preconceito melhorou muito, mas ainda existe. Se você diz que quer trazer um grupo de peruanos para o Brasil, o questionamento é maior do que dizer que vai trazer um grupo francês. Ela diz isso porque ela já produziu muitas coisas e precisou trazer peruanos pra cá. Então sempre tem mais suspeita na qualidade deles, mas diz que essas coisas acontecem e nem sempre todo mundo está disposto a essa troca, então é normal. “São coisas que você já tem que saber lidar e você sendo migrante você precisa enfrentar essas atitudes.”

Uma conclusão tirada diante dessas entrevistas, foram: A diversidade da cultura no Peru, a necessidade do resgate da cultura sempre que possível, a pouca representatividade no Rio de Janeiro, preconceito, discriminação e racismo.

Trechos dessas entrevistas foram marcantes e usados como base para o conceito da exposição, alguns deles já citados. A partir disso algumas questões foram levantadas:

como poderia desconstruir o pensamento do brasileiro acerca desses povos e qual meio vai ser usado para alcançar esse objetivo.

Além disso, foi feita uma visita ao II Festival Peruano realizado no Rio de Janeiro, no Parque das Ruínas, no dia 27 de julho de 2019 e ao Encontro Brasil-Peru realizado no Instituto Cervantes no dia 17 de julho de 2019.

O II Festival Peruano foi realizado em comemoração a independência do Peru, conhecida também como “Fiestas Pátrias”. Um festival com dança peruana, exposição e gastronomia.

Já no Encontro Brasil-Peru, ocorreram palestras sobre dança africanas e danças peruanas. Dentre delas, a palestrante explicou sobre uma dança chamada Tondero de origem camponesa e com conexão com a terra, uma dança de casal em que a mulher que dita os passos. A mulher tem papel fundamental nela. Tanto o homem quanto a mulher dançam descalços e postura da dança é sempre com o joelho flexionado e o peito aberto.

O elemento central da sociabilidade peruana é a dança, porque a dança é um momento e espaço de compartilhar. Não dançar significaria deixar de participar da vida social peruana.

Essa coleta de informações ocasionou uma reflexão diante do assunto, o que poderia ser feito com essas informações que impactasse de forma positiva essa cultura que tanto sofreu com a imposição e dominação dos europeus? A principal questão seria como usar o Design como ferramenta de visibilidade e de “solução” de um problema, usar o Design como ferramenta de projetar com o público da questão. No caso o objetivo principal não seria solucionar um problema existente, mas sim, minimizá-lo e tornar acessível uma cultura tão diversa e tão simbólica de um povo, cujo o intuito é o rompimento dos estereótipos.

Ou seja, demonstrar visualmente esse povo, por meio de experiências, pois podemos representar a cultura, através de fotografias e colagens. Trabalhar com imagem, fotografia e colagens, demonstrando toda essa pesquisa. O uso de colagens para trabalhar com texturas, formas, cores e indivíduos que representem à cultura.

Através de uma exposição conseguimos demonstrar diversas imagens e cenários para o expectador e além disso, a exposição leva a pessoa para dentro da cultura do próximo e através dela temos acesso a cultura.

#### **5.4. Percurso da exposição**

Quanto ao percurso da exposição foi pensada em dividi-la em quatro nichos, mais representativos da cultura peruana, segundo pesquisa preliminar.

- 1) Decolonialidade
- 2) Povo
- 3) Rituais e religiosidade
- 4) Olhar do estrangeiro

Cada nicho estaria exposto fotografias que representassem o Peru. O levantamento dos artistas que estariam presentes na exposição foi pensado em fotógrafos locais, todos peruanos, exceto no nicho “Olhar do estrangeiro”. Os nichos serão mais aprofundados no subitem a seguir.

O percurso foi pensado em uma trajetória cíclica, baseada na cosmovisão andina, um trajetória não linear. Um percurso geométrico também que pode ser associado às Linhas de Nazca, localizada no Peru.

A cosmovisão andina dá-se a partir de uma percepção circular do tempo. De acordo com a historiografia, o tempo não era percebido de modo contínuo, estando diretamente atrelado à noção de espaço. De tal modo que falar em passado e presente implica também, em falarmos de diferentes esferas espaciais (NAVARRETE, 2004).

Estas duas noções, tempo e espaço, estão totalmente imbricadas, e constituem uma noção própria do pensamento andino, chamada Pacha (URTON, 1981; MOOSLEY 1992; ZUIDEMA 2010).

Os povos andinos, em especial os da área quéchuá (povos que se distribuem entre as regiões de Peru, Equador, Bolívia, Chile, Colômbia e Argentina), constroem, através da linguagem oral e gestual – na contação de mitos e cantigas – a sua visão de mundo e história.

A cosmovisão andina é marcada pelo dinamismo e fluidez entre diferentes esferas de existência. Este dinamismo assume formas complexas, mas pode ser demonstrado a partir de questões mais simples como, por exemplo, a divisão dual do mundo; este dividido em âmbitos opostos chamados “Hanan Pacha” e “Hurin Pacha”.



Figura 6: Modelo ilustrativo da Cosmovisão Andina elaborado por Jurgen Golte.  
 Fonte: GOLTE, J. Moche, *Cosmología y Sociedad: una interpretación iconográfica*. Instituto de Estudios Peruanos: Cusco, 2009. Pp. 59.

### FIGURA 3 | Cosmovisão Andina

(Fonte: GOLTE, Moche, *Cosmología y Sociedad: una interpretación iconográfica*. Instituto de Estudios Peruanos; Cusco, 2009, p.59 )

O Hanan, ou o “mundo de cima”, é relacionado à masculinidade, sendo dividido em dois outros polos, um diurno masculino/masculino (relacionado ao Sol) e outro noturno masculino/feminino (relacionado à Lua). Já o Hurin, “mundo abaixo”, ou inframundo, é relacionado à feminilidade, sendo, por sua vez, dividido em um polo feminino/masculino relacionado ao mar e outro feminino/feminino relacionado à terra.

Contudo, essa alternância geralmente é marcada por um rígido esquema calendárico que controla as relações de reciprocidade. Como o tempo se dá de forma cíclica e alternada, e

está diretamente atrelado à noção de espaço, existem períodos onde são enfatizadas certas forças, ou potências de um dos âmbitos do cosmos; e esse esquema de reciprocidade deve ser cuidado e controlado, para que essas forças não extravasam, e não se descontrole.

### **5.5. Os nichos**

Como dito acima, a exposição foi dividida em quatro nichos. Nichos esses que representam a cultura do Peru. Em cada nicho estaria presente fotografias dos artistas locais e de brasileiras. Os nichos com seus respectivos artistas são:

#### 1) Decolonialidade:

Contrapondo-a ao processo de colonização essa exposição utiliza o termo “decolonialidade”, termo este que surgiu a partir de uma proposta crítica a todas as formas de dominação.

O pensamento decolonial busca a emancipação total de todos os tipos de opressão e dominação, de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos locais, desconstruir o termo colônia, eliminando essa dominação européia. Os artistas presentes nesse nicho são:

#### **Ana de Orbegoso**

Artista peruana em seu projeto “Virgens Urbanas”, um projeto de descolonização, usa como pano de fundo as pinturas da Escola de Cusco, reinventadas para refletir realidades e ideais contemporâneos. Muito dos personagens, símbolos e origens das pinturas foram substituídos para celebrar a diversidade cultural, física e espiritual do Peru atual, em vez dos ideais do conquistador, conceitos que se aproximam com o termo “Decolonialidade”.



Figura 4 | Virgens Urbanas



Figura 5 | Virgens Urbanas

## Martín Chambi

Martín Chambi, um dos primeiros fotógrafos indígenas de origem camponesa, vem dos Andes peruanos, de uma cidade chamada Coaza, distrito de Carabaya, próximo ao lago Titicaca, no departamento de Puno. Ele buscou retratar as raízes dos povos Quéchuas, habitantes atemporais dos Andes, povos Aymará e ancestrais indígenas.





Figura 1 | Martín Chambi

## 2) Povo:

Igualar todos os andinos sobre seus princípios seria ignorar toda sua diversidade e complexidade. Não podemos definir que tenha um conceito finalizado do andino, já que ele vai se reinventando ao longo do tempo.

O que existe são identidades étnicas, linguísticas, nacionais, regionais e de gênero criando novas configurações.

Os andinos mantêm uma relação de pertencimento com o seu território de origem. São considerados uma cultura viva e elemento unificador da América Latina.

Os artistas presentes nesse nicho são:

## Mario Testino

Fotógrafo de Moda peruano. Em seu trabalho de moda, chamado Alta Moda, é um projeto que investiga as tradições peruanas e a história da fotografia. Em seu site, afirma que: “Muita história peruana vive nessas roupas. Percebi nas minhas viagens que, quando um país perde a conexão entre sua história e seu traje tradicional, algo verdadeiramente precioso se perde.” (MARIO TESTINO, 2014, Disponível em <https://www.mariotestino.com/exhibitions/mario-testino/exhibition-alta-moda/> Acesso em 25 outubro 2019)



Figura 7 | Alta Moda



Figura 8 | Alta Moda

## Adriana Peralta

Cronista fotógrafa, nascida em Cuzco, suas imagens são testemunhos da vida social e cultural de sua cidade. Suas fotografias são imagens que representam o ponto de vista originário do Peru.



Figura 2 | Los Adivinos del Mercado Central de Cuzco



Figura 10 | Los Adivinos del Mercado Central de Cuzco

## El comercio

Uma equipe de jornalistas do jornal El Comercio de Perú ganhou o prêmio SIP 2013 na categoria fotografia. As imagens vencedoras apareceram no Assunto Jurídico especial e são fotografias que contam várias histórias de inclusão social. O resultado final reúne os trabalhos de José Ángel Blanco Grajeda, Ángel Hermoza Denegri, Karen Zárate, Rolly Reyna, Dante Piaggio, Vigília Ana Cecilia Gonzales e Juan Ponce. A inclusão social é um meio para romper estereótipos, dando visibilidade para o povo.



Figura 11 | SUJEITOS DE DERECHO RELATOS SOBRE INCLUSIÓN



Figura 12 | SUJEITOS DE DERECHO RELATOS SOBRE INCLUSIÓN

### 3) Danças e religiosidade:

Um recurso de sobrevivência da cultura andina foi o misticismo, assumindo assim uma áurea mística e religiosa.

A união de credos, costumes e vivências criou na vida dos peruanos festas populares por ano, entre festas do respeito pela natureza e da celebração da liberdade. As festas no Peru têm um ar místico.

A gratificação à terra é parte das principais celebrações em todas as regiões, sob o conceito de retribuir à Pachamama (Mãe Terra) por sua eterna generosidade.

Os artistas presentes nesse nicho são:

#### **CuscoPeru.com**

O Inti Raymi é uma antiga celebração religiosa Inca, os Incas rendiam culto a seu Deus: O Deus Inti ou Sol. Antigamente o Inti Raymi durava uns 15 dias, faziam sacrifícios e se realizavam bailes ou danças para adorar ao Deus Sol. O Último Inti Raymi que aconteceu com a presença do imperador Inca foi no ano 1535; um ano antes da invasão dos europeus.

Atualmente o Inti Raymi é uma representação teatral, milhões de cusqueños e pessoas de todas partes do mundo se reúnem para este acontecimento que é uma das manifestações culturais e tradicionais mais atrativas.



Figura 13 | Inti Raymi



Figura 14 | Inti Raymi

#### 4) Olhar do estrangeiro

O ponto de vista de estrangeiros a respeito do Peru, registros de lugares por onde visitaram. Os artistas presentes nesse nicho são:

**Flora Dias**

Estudante, nascida no Rio de Janeiro, viajou para o Peru e registrou lugares por onde passou em sua viagem. Suas fotografias estão presentes no nicho “Olhar do estrangeiro”.



Figura 15 | Foto da Flora Dias



Figura 16 | Foto de Flora Dias

### **Kike Arnal**

Fotógrafo de documentários e cinegrafista originalmente da Venezuela.. Em junho de 2013 fotografou os presos de Quencoro em Cuzco, Peru. Quencoro é uma das maiores prisões no Peru e a população presa está englobada em uma comunidade

indígena, a maioria de origem Inca. Grande parte dos presos trabalha na produção de artesanato que são vendidos para turistas. Essa série retratou uma outra realidade de vida do povo peruano que diante de suas condições restagam sua tradição.



Figura 13 | Quencoro



Figura 14 | Quencoro



## Oscar Pacusshich

Comunicador e fotógrafo de documentário, nascido em Lima e formado pela Universidade de Lima. Ele tem experiência de trabalho em diferentes áreas da fotografia como por exemplo, fotojornalismo. Em um dos seus trabalhos, registrou o a “Mamacha in San Pedro de Raqchi. Cuzco, 2016.” e o Candelária Festival em Puno, 2017.



Figura 19 | MAMACHA



Figura 20 | Candelaria Festival, Puno, 2017



Figura 21 | Candelaria Festival, Puno, 2017

### **Abigail Goil**

Fotógrafa Profissional. Em um dos seus trabalhos, registrou “Yawar Fiesta en Collurqui, Ayacucho”. A Yawar Festa, traduzido por português significa “ Festa de Sangue”, uma antiga tradição cultural que se comemora no povoado de Coyllurqui, província de Cotabambas, região Apurimac.



Figura 22 | Foto de Abigail Goil



Figura 5 | Foto de Abigail Goil

### **Marianna Miranda**

Estudante, nascida no Rio de Janeiro, viajou para o Peru e registrou algumas paisagens de pontos turísticos que visitou. Suas fotografias estão presentes no nicho “Olhar do estrangeiro”.



Figura 6 | Foto de Marianna Miranda

### **Bianca Miranda**

Registros de minha autoria tirada do II Festival Peruano no Parque das Ruínas no Rio de Janeiro estarão presentes no nicho “Olhar do Estrangeiro”.

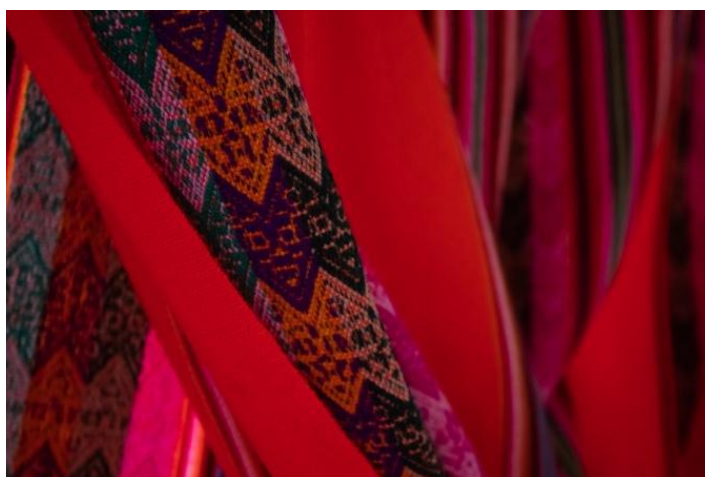


Figura 7 | Foto de Bianca Miranda



Figura 8 | Foto de Bianca Miranda

Esses nichos vão estar distribuídos dentro de uma sala, de forma que o percurso da exposição seja livre, mas o caminho sobre os módulos seja cíclico, conforme a imagem a seguir:

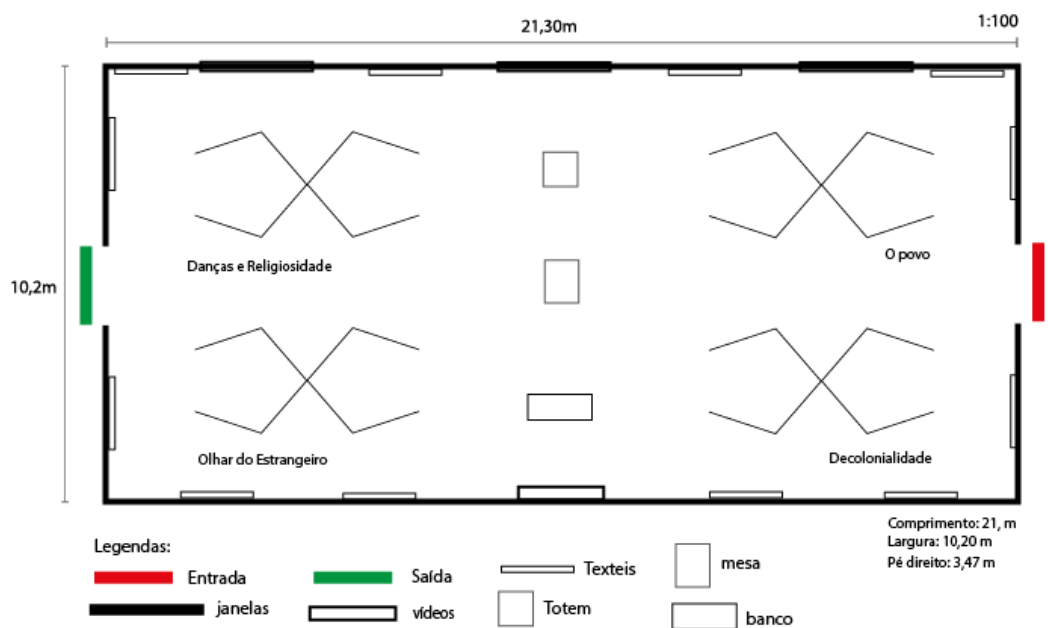


Figura 9 | Planta Baixa

Ao entrar na exposição no lado esquerdo estaria o nicho “Decolonialidade”, no direito o nicho “O povo” e caminhando no sentido na porta de saída, o nicho “Olhar do estrangeiro” estaria localizado na esquerda e na direita o nicho “Danças e Religiosidade”

Esses módulos terão dois metros e trinta centímetros de altura e cada face terá um metro e sessenta e dois centímetros de largura, ocupando um espaço na sala de cinco metros e vinte e cinco centímetros.

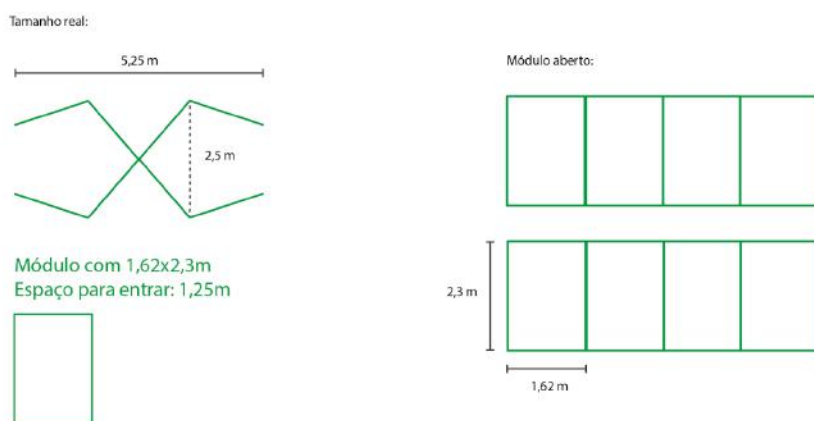


Figura 10 | Tamanho do Módulo

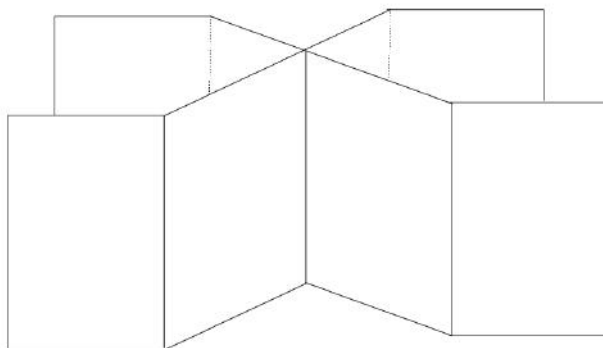


Figura 11 | Vista frontal do Módulo

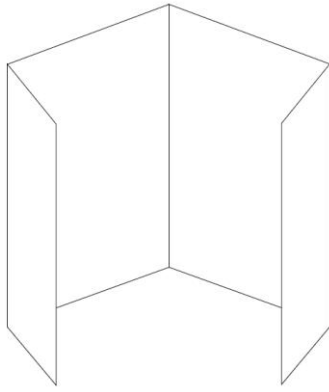


Figura 12 | Vista Frontal do Módulo

Quando a pessoa entrar em cada módulo tocará uma música peruana em cada nicho, de maneira que a pessoa se sinta mais imersa na cultura. Essas músicas estarão disponíveis em uma playlist chamada “Andis” no Spotify.

As músicas presentes na exposição serão:

- 1) Son de los Diablos – Perú Negro
- 2) Toro Mata – Perú Negro
- 3) Arriba Perú Negro – Perú Negro
- 4) No hay negro que se me resista – Victoria Santa Cruz
- 5) Dios creó al mundo – Victoria Santa Cruz
- 6) Alcatraz – Perú Negro

Além dos nichos, nas paredes da sala da exposição estarão expostos têxteis, vestimentas e uma projeção que passará vídeos. Os vídeos e os têxteis estavam presentes na exposição chamada “Festival de imagens em los Andes- 2019” no Museu de Arte Chileno Pre-colombino (MUSEU, 2019) localizada em Santiago no Chile. Serão expostos os seguintes vídeos:

- 1) Fiesta de São Pedro dos Tongos:  
<http://www.precolombino.cl/exposiciones/exposiciones-temporales/fiesta-de-las-imagenes-en-los-andes/epilogo/video-1/>

San Pedro de Tongos é uma pequena cidade na província de Huaura, no planalto central do Peru, localizado a 3400 metros de altura. Lá a celebração de San Pedro, padroeiro da cidade, é comemorada todos os anos. Durante essa celebração de sete dias, os moradores realizam uma peça coletiva na qual se lembram da morte dos últimos reis do Inkas, Waskar e Atawallpa, nas mãos dos espanhóis. (Claudio Mercado, Pablo Villalobos; Edição: Claudio Mercado. 2018)

2) Guerra entre chunchos (selva) e collas (Alto Plantalto) em Paucartambo:

<http://www.precolombino.cl/exposiciones/exposiciones-temporales/fiesta-de-las-imagenes-en-los-andes/que-historias-narraban/fiesta-de-la-virgen-del-carmen-en-paucartambo/>

3) Inti Raymi 2016:

<https://www.youtube.com/watch?v=jXdPbmXBng>

4) Ica, between the desert and the sea:

<https://www.youtube.com/watch?v=B8nj0PK1Fao>

A cidade de Paucartambo está localizada no departamento de Cusco. Neste local é celebrada a Festa da Virgen del Carmen de Paucartambo. O conflito central do partido é a disputa sobre a Virgem, mantida pelas danças de Qhapaq Qolla e Qhapaq Ch'uncho. (Câmera e edição, Christian Pino 2014.)

## 5.6. Naming

Os povos que habitam a Cordilheiras dos Andes são chamados de povos andinos, então, o processo de *brainstorming* para a nomenclatura desse projeto é baseado nos povos andinos, em suas características e o significado da palavra “andino. Na construção da



nomenclatura, foi pensado primeiramente em “Antís”, já que “Antís” significa “Andes” em quéchua, quéchua é língua oficial da região, porém fez-se necessário um nome de fácil associação e entendimento para o público-alvo.

Diante disso, mantendo a ideia da escolha baseada na palavra “Andes”, foi decidido a nomenclatura “Andis” . Segundo dicionário online de português (DICIO, 2019), andes significa: :

Ação de andar; ato de caminhar, de dar passos, de se mover em direção. Etimologia (origem da palavra *andes*). Forma Der. de andar. Designação da cordilheira situada na América do Sul; as pessoas que habitam essa cordilheira: Cordilheira dos Andes.

O “I” do Andis faz referência aos “andinos”, aos “Incas”, ao “Inti” (divindade mais importante para eles, deus do sol para os Incas) e à palavra “identidade”.

A construção da marca foi baseada na diversidade do Peru. O uso das cores pra mostrar essa diversidade e nas as formas também.

Além disso, surgiu como complemento o subtítulo “No caminho da identidade peruana” para consolidar a ideia de ser uma exposição sobre o Peru. A frase “No caminho da identidade” baseada na maneira subjetiva de ver e entender o mundo dos andinos, a cosmovisão andina, uma trajetória não linear do tempo, uma linha do tempo cíclica, baseada no ciclo da natureza, carregando princípios de reciprocidade e generosidade a Pachamama (Mãe Terra). Linha do tempo essa que foi a base da conceitualização do percurso da exposição, além de consolidar a ideia de trajetória e caminho pela cultura peruana.

### **5.7. Identidade Visual**

A criação da tipografia da identidade visual foi criada por mim, a partir de uma forma básica muito usada por esses povos em seus têxteis, por exemplo.



Figura 13 | Forma Básica

A partir da forma básica, foram feitos alguns testes no decorrer do desenvolvimento do logotipo antes de ser decidido a versão final.



Figura 14 | Testes Logotipo



Figura 15 | Testes Logotipo



Figura 16 | Testes Logotipo



Figura 17 | Teste Logotipo

A frase “No caminho pela cultura peruana”, a tipografia de minha autoria com o intuito de ter uma estética artesanal. Após o desenvolvimento dos testes do logotipo, foi escolhida a versão final mais simplificada a seguir:



Figura 18 | Logotipo

Quanto à paleta de cores, ela foi baseada na bandeira Whipala. Whipala é a bandeira dos povos indígenas da América, mais precisamente da América andina, que tem origem nas palavras da língua ayamara, eiphay (expressão de alegria) e phalax (sonho produzido na construção de uma bandeira).








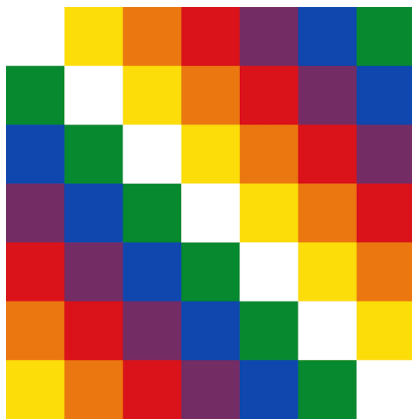
	CMYK: 5% - 99% - 96% - 1% RGB: 219% - 20% - 27% #b141b		CMYK: 95% - 73% - 0% - 0% RGB: 32% - 77% - 158% #204d9c
	CMYK: 0% - 37% - 95% - 0% RGB: 250% - 173% - 0% #faad00		CMYK: 85% - 19% - 100% - 5% RGB: 14% - 138% - 56% #0e8a38
	CMYK: 10% - 67% - 100% - 1% RGB: 219% - 106% - 17% #db6a11		CMYK: 41% - 72% - 71% - 62% RGB: 87% - 48% - 37% #573025
	CMYK: 59% - 93% - 26% - 17% RGB: 117% - 44% - 101% #752c65		

Figura 19 | Paleta de cores

Ela é formada por 49 quadrados, contendo um conjunto de sete quadrados brancos, que desce em diagonal da parte superior esquerda até à parte inferior direita

Essas cores tem origem do arco-íris, que é uma referência pelos antepassados andinos para organizar as sociedades comunitária e harmônica dos Andes. As cores possuem significados e representam ideias e conceitos importantes para os povos indígenas, sendo os seguintes:



- 1) Amarelo: a energia e a força
- 2) Laranja: a sociedade e a cultura
- 3) Vermelho: representa o Planeta Terra
- 4) Violeta: a política e a ideologia
- 5) Azul: o espaço cósmico e o infinito
- 6) Verde: economia e produção
- 7) Branco: o tempo e a dialética

Figura 20 | Bandeira Whipala

A Whipla é propriedade das nações originárias, em especial quéchuas e ayamarás. É a expressão da filosofia andina e seu conteúdo manifesta o desenvolver da ciência, tecnologia e arte, é a imagem de organização, harmonia, irmandade e reciprocidade dos Andes.

Atualmente foi ressignificada pela Bolívia. para dar conta do processo de ampliação da cidadania e reconhecimento de centenas de nações, identidades e culturas que povoam o território.

Baseada na criação do logotipo, foram desenvolvidas algumas padronagens:

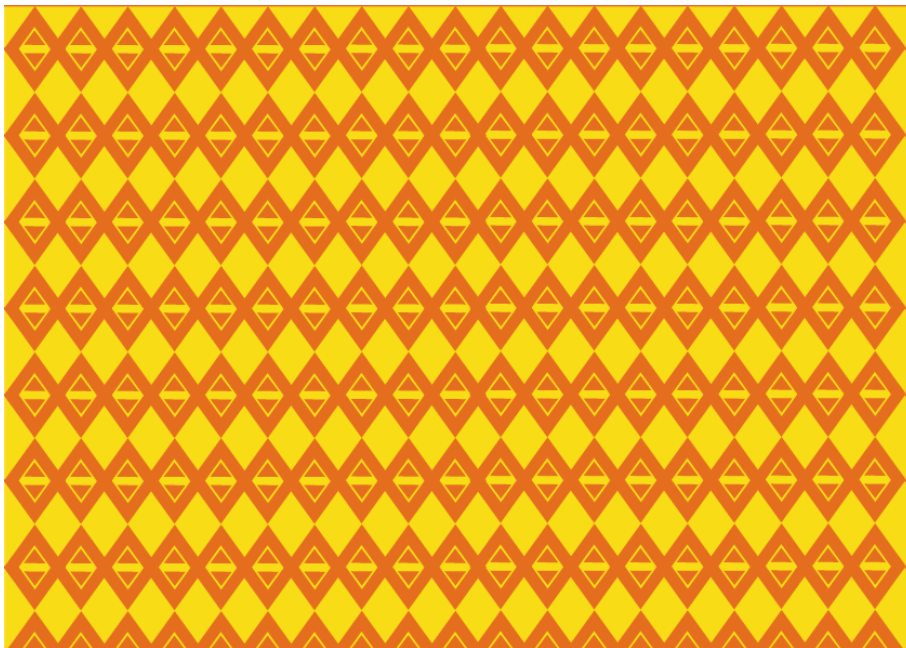


Figura 21 | Padronagem



Figura 22 || Padronagem

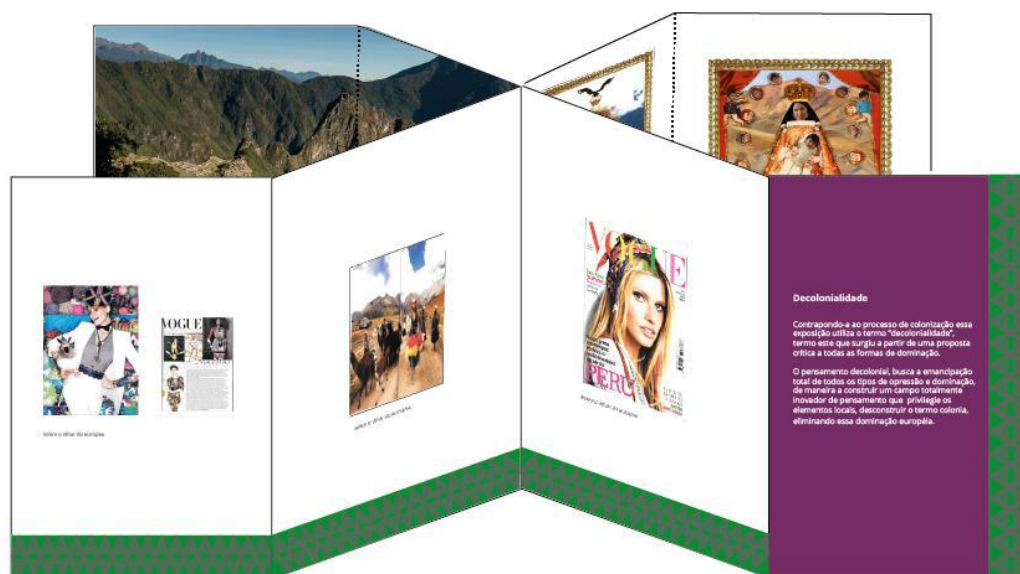


Figura 23 | Vista Frontal do nicho

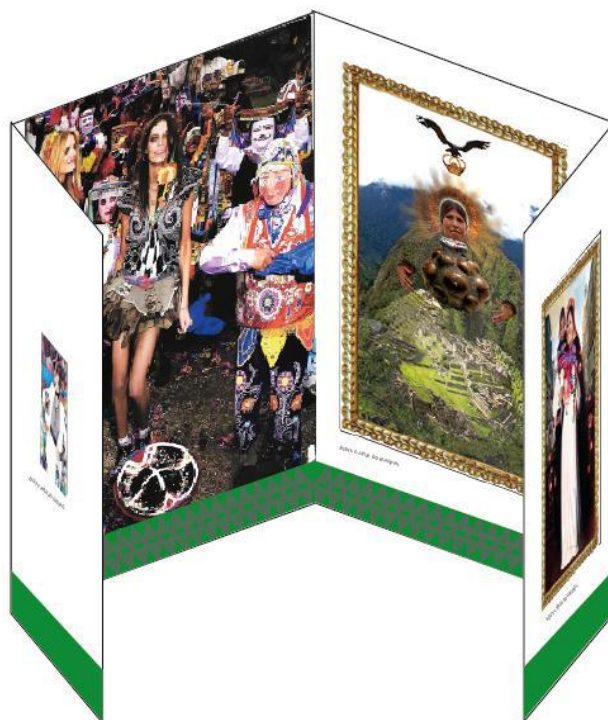


Figura 24 | Vista frontal do Nicho



Figura 25 | Vista frontal do nicho



Figura 26 | Vista frontal do nicho



Nicho do olhar do estrangeiro:

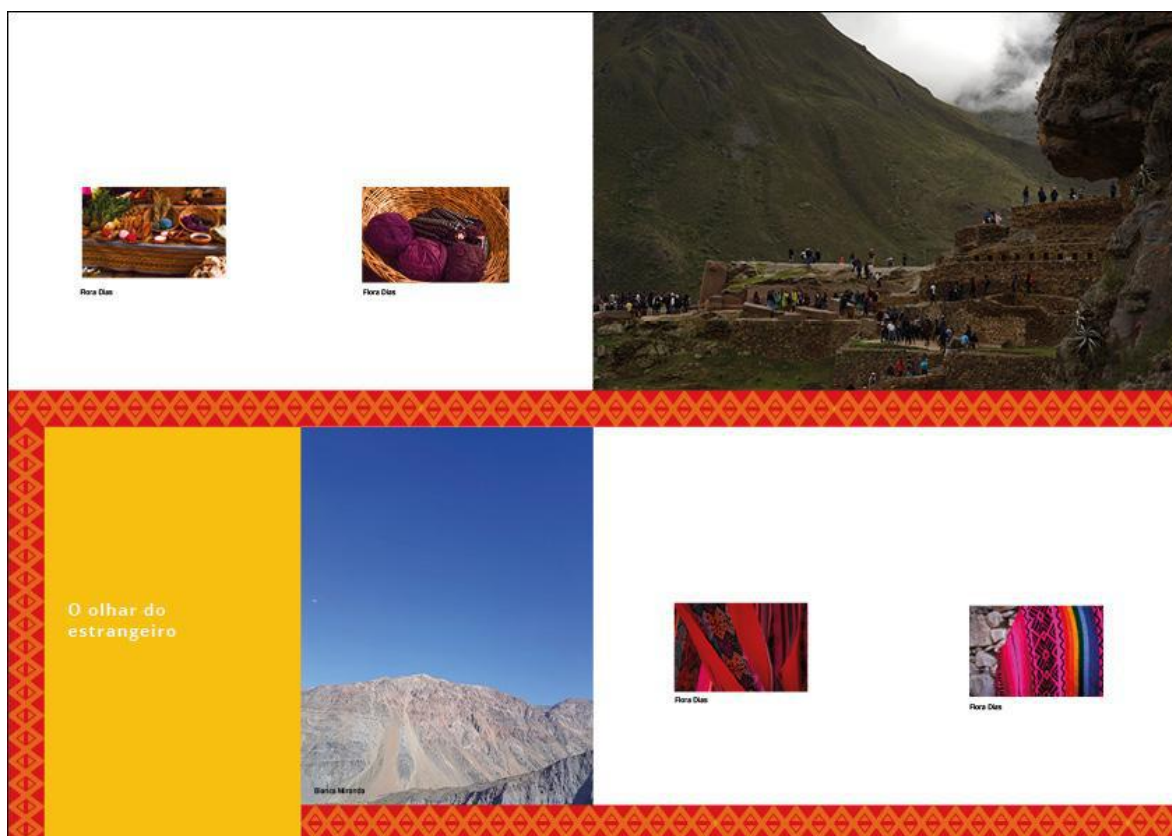


Figura 27 | Planificação

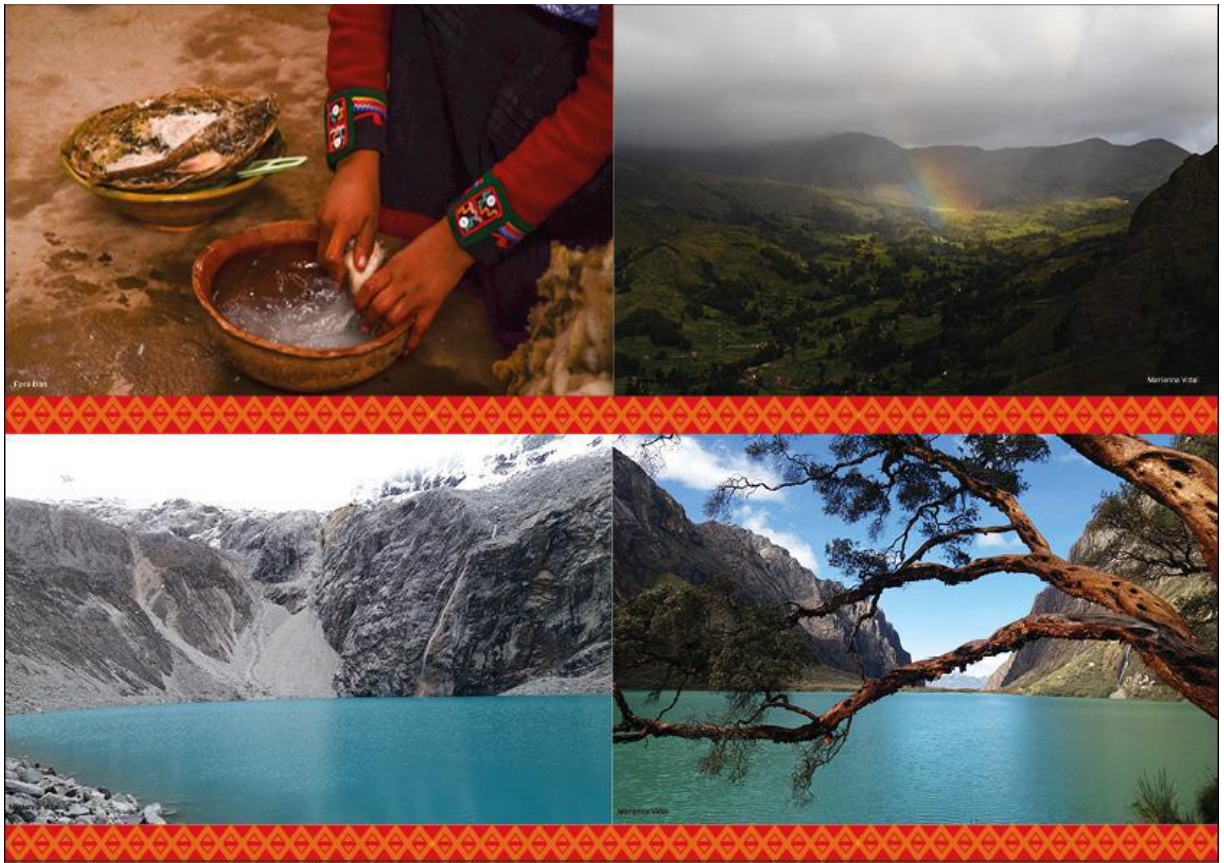


Figura 28 | Planificação

Nicho do olhar do povo:

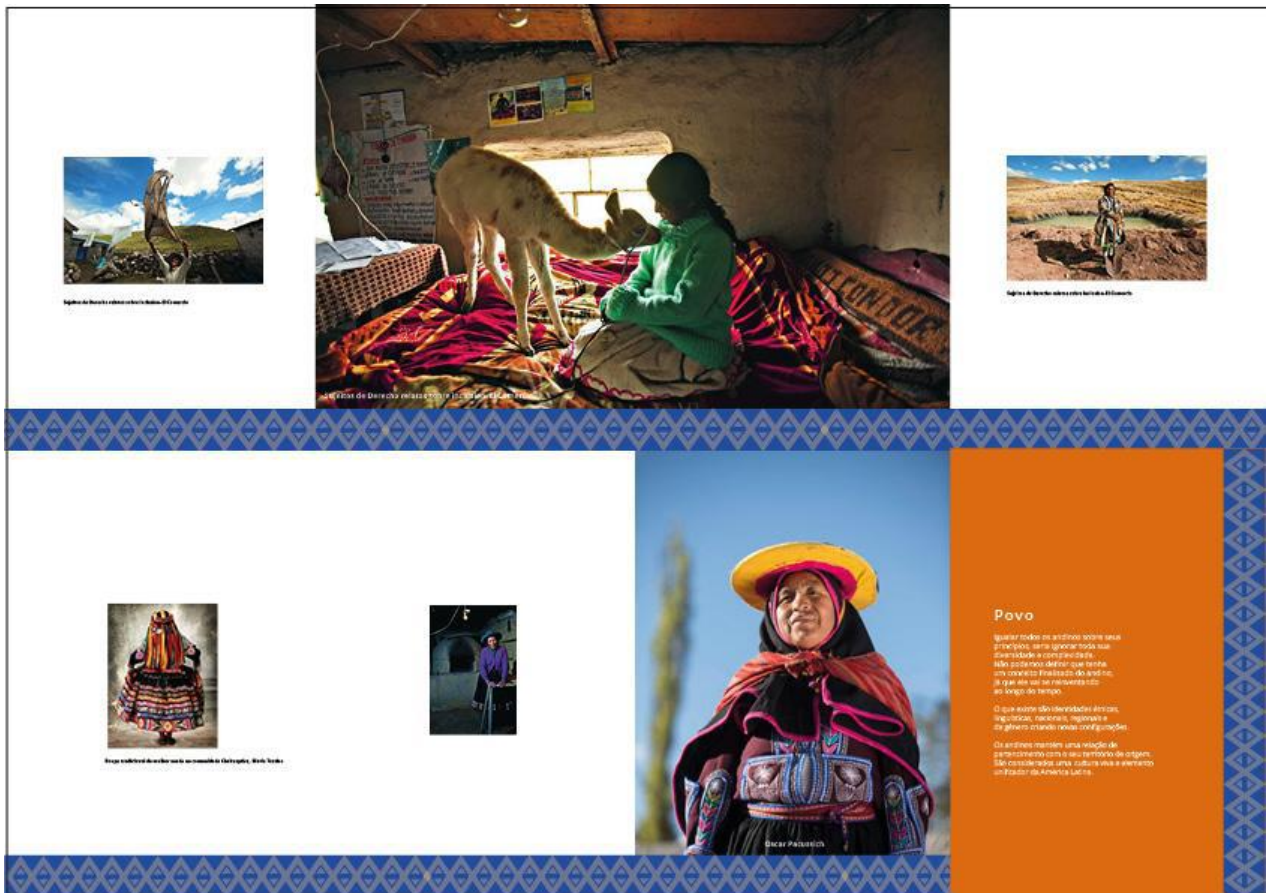


Figura 29 | Planificação

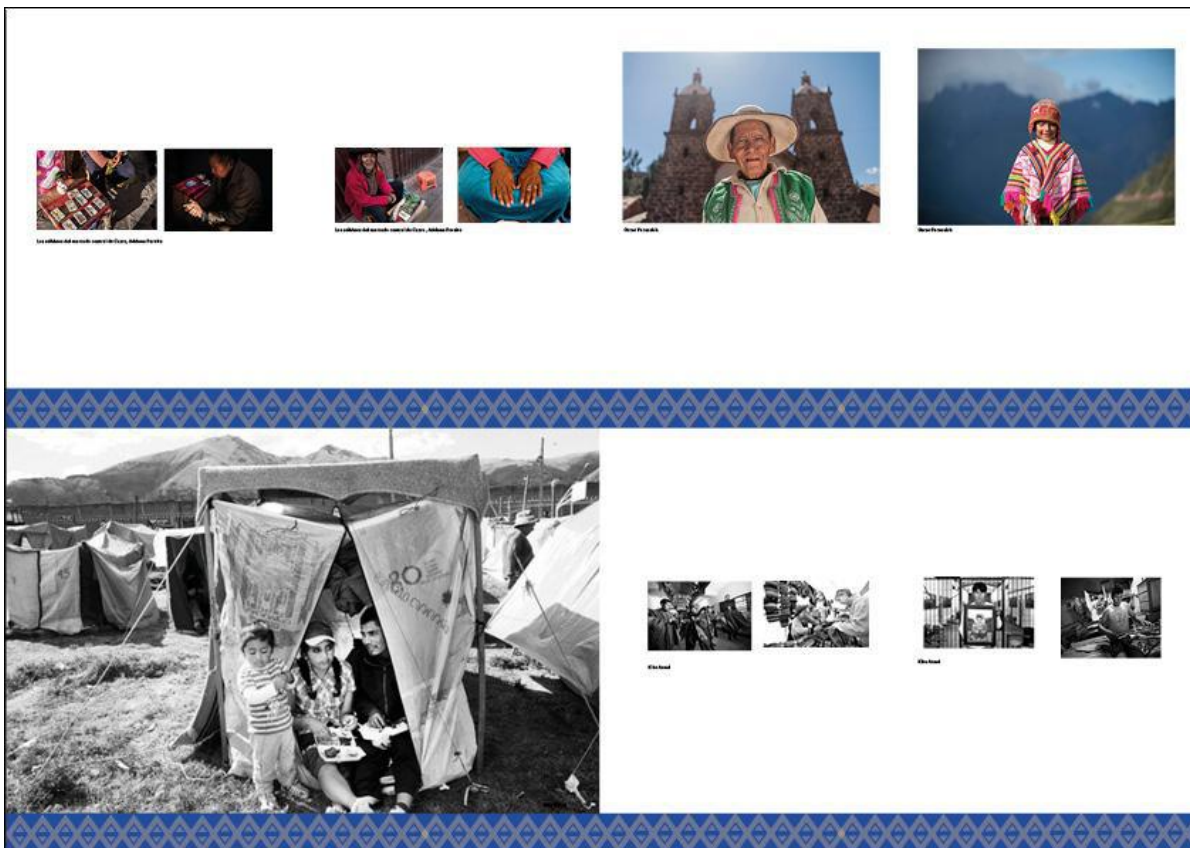


Figura 30 | Planificação

## Nicho Danças e Religiosidade:

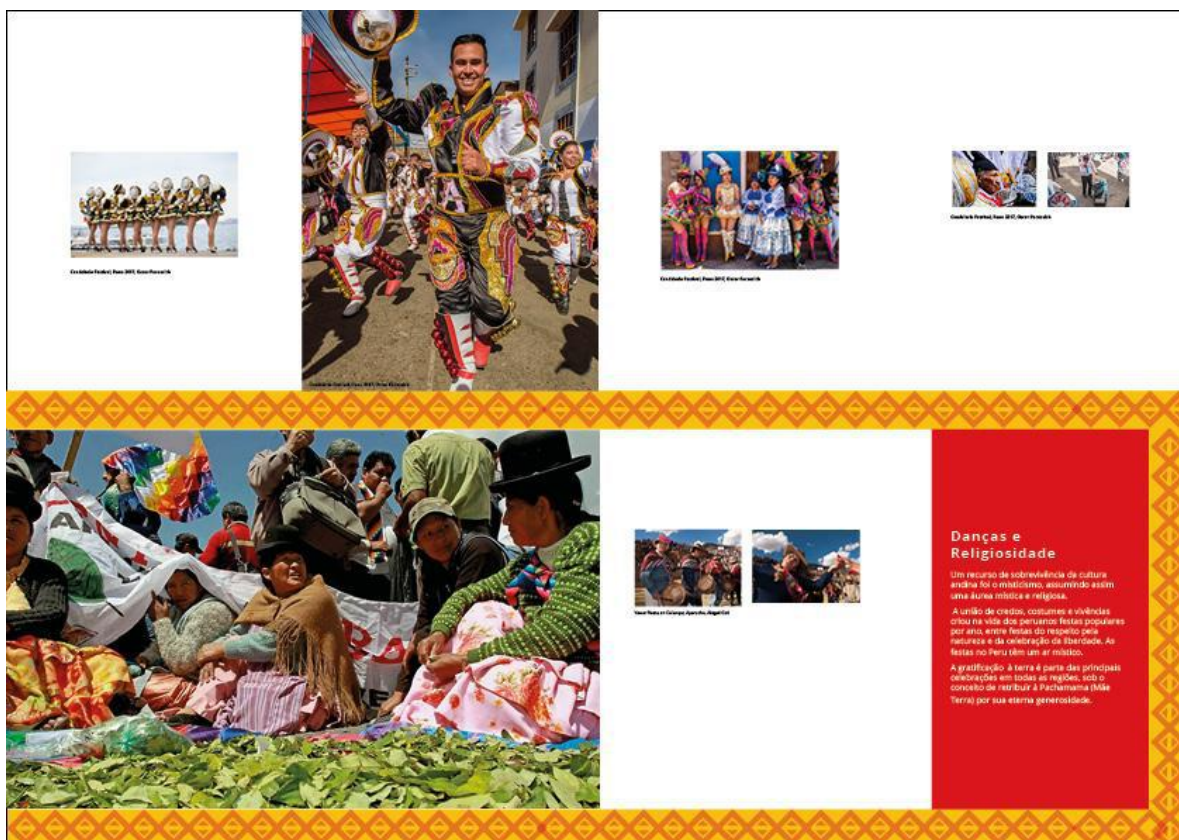


Figura 31 | Planificação



Figura 32 | Planificação

### Layout da Exposição:

Uma maquete foi feita para representar tridimensionalmente a exposição. As portas de entrada e saída estariam com fios dos textiles andinos para criar um clima propício ao ambiente andino.



Figura 33 | Layout da Exposição

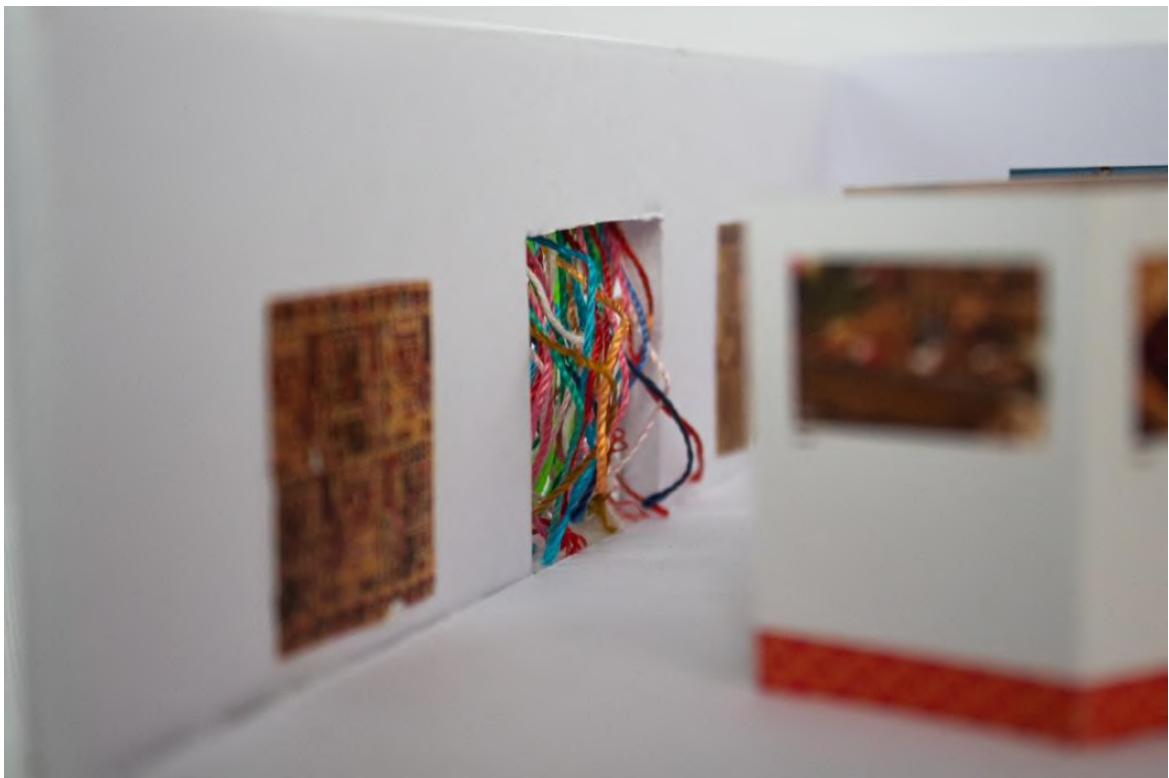


Figura 34 | Layout da Exposição



Figura 35 | Layout da Exposição



Figura 36 | Layout da Exposição





Figura 37 | Layout da Exposição



Figura 38 | Layout da Exposição



Figura 39 | Layout da Exposição



Figura 40 | Layout da Exposição



Figura 41 | Layout da Exposição



Figura 42 | Layout da Exposição

## 5.8. Aplicações

Foram desenvolvidas peças gráficas que completassem a identidade visual para a divulgação da exposição: cartaz, catálogo e cartão postal.

A criação de uma imagem para ser utilizada nos cartazes tem com o objetivo de representatividade da cultura peruana e também tem a função de chamar a atenção do público, atrair a pessoa conhecer a exposição.

O uso da colagem partiu do princípio de trabalhar com diferentes formas, cores e indivíduos que representem a cultura. Além da colagem permitir a liberdade de criação e a mistura de diversos elementos que se fundem formando uma composição esteticamente atraente e representativa.

A fotografia das duas mulheres no cartaz foi fotografada por mim no II Festival Peruano citado anteriormente. No cartaz elas foram colocadas em preto e branco com o intuito de contrastar com o fundo, passando a ideia de passado e presente misturados. Os outros elementos usados foram, o sol representando o deus Inti e a fotografia de um textil representando as cores da natureza. A fotografia de um textil foi também fotografada de minha autoria no II Festival Peruano.

Foram feitas peças promocionais, como cartazes, banners e fachadas.



Figura 43 | Cartaz



Figura 44 | Cartaz



Figura 45 | Banca de jornal



Figura 46 | Metrô



Figura 47 | Ponto de ônibus



Figura 48 | Parte externa do CCBB





Figura 49 | Interior do CCBB



Figura 50 | Fachada CCBB

Juntamente com os cartazes, o cartão postal estaria presente com fotografias presentes na exposição, sendo um kit para divulgar a exposição.



Figura 51 | Cartões postais



Figura 52 | Cartões postais



Figura 53 | Cartões postais



Figura 54 | Cartão postal frente



Figura 55 | Cartão postal verso

O catálogo possui um formato diferente, um formato tridimensional e flexível, como um nicho contido na exposição, nele constaria fotografias presentes na exposição, em que a pessoa poderia usa-lo como um objeto decorativo. A pessoa ao compra-lo poderia colocar na posição que preferir. Ele viria dentro de uma textil originário do Peru.



Figura 56 | Catálogo

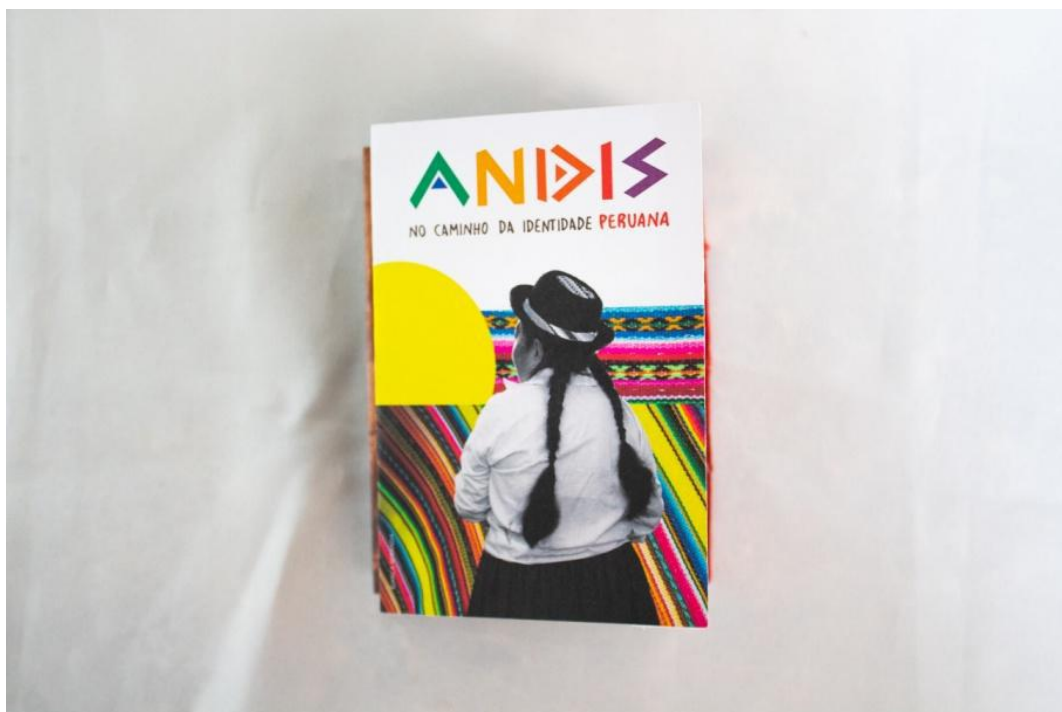


Figura 57 | Catálogo



Figura 58 | Catálogo

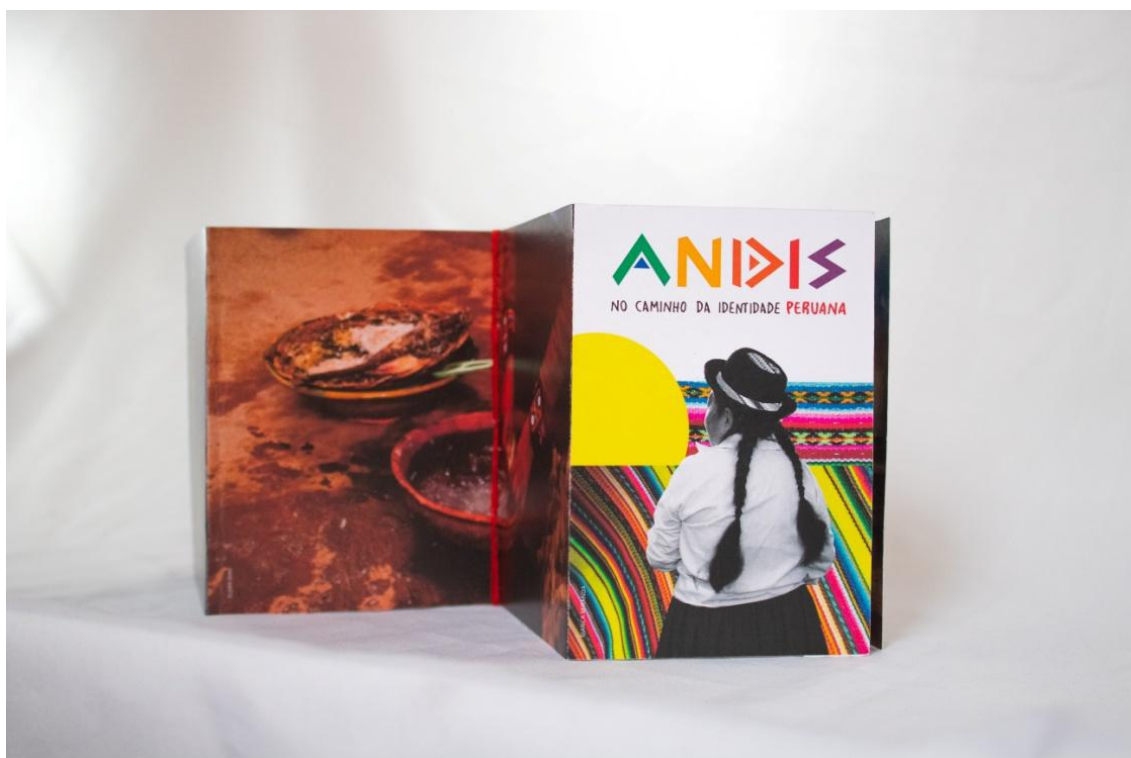


Figura 59 | Catálogo





Figura 60 | Catálogo



Figura 61 | Catálogo

## 6. Conclusões

Este trabalho possibilitou entender a respeito da diversidade da cultura peruana, entender sobre os povos andinos, sobre seus princípios, sua sobrevivência e sua resistência no contexto socioeconômico atual. A ausência do aprendizado sobre os povos da América Latina, a invisibilidade da cultura dos povos da América Latina foram motivos que permearam esse projeto.

O misticismo foi um recurso de sobrevivência da cultura andina, assumindo assim uma áurea mística e religiosa. Com esse recurso, segredos e tradições foram cuidadosamente guardados. Com a utilização dessa estratégia desapareceram alguns avanços tecnológicos, enquanto permaneceram intocados alguns conhecimentos sobre a espiritualidade indígena. Mais tarde, de acordo com as profecias e a revelações de muitos segredos, a partir do final do século XX e início do século atual, despertou-se a curiosidade dos não-índios em busca de conhecimentos sobre isso.

Hall se questiona sobre quais são as estratégias de representatividade que constroem nosso senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional e quais são as representações que definem as identidades de um povo e como é contada a narrativa de cultura nacional. Como vimos anteriormente, ele define isso em cinco elementos principais: narrativa da nação; ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; invenção da tradição; mito fundacional; ideia de um povo ou “folk” puro, original. Desenvolver um projeto de exposição constituiu uma estratégia de representatividade.

A valorização da cultura, o respeito à religiosidade de cada um, a produção de conteúdo com o intuito de reforçar, reafirmar e representar foram os pontos norteadores da construção dessa exposição, já que se trata de uma cultura escassa de representatividade, por exemplo: nesse projeto houveram dificuldades de achar fotografias de artistas afro-peruanos. O acesso à cultura é muito importante para nos tornarmos pessoas cada vez melhores e evitar estereótipos que são muito recorrentes.

A cultura peruana carrega princípios como reciprocidade e generosidade e a sabedoria de que nós seres humanos devemos respeitar a natureza, pois graças a ela há vida.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

HALL, Stuart, **A identidade cultural na Pós-Modernidade**: 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOBSBAWN, Eric J, **Nações e Nacionalismo desde 1780**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

INSUNZA PUGA, Alejandra, **Pachakuti**, 2010, Tese de Graduação – Universidade de Chile – Facultad de Artes Departamento de Artes Visuales.

LAUREANO, Ketty Aire, **Migração dos Povos Andinos no Rio de Janeiro**, 2017, Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

QUIJANO, A. (1992). **Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru . Estudos Avançados.** 6(16), 73-80 - Artigo recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9600>.

RIBAS, Wanderson-Ka, **Resistência, valorização e resgate da tradição cultural andina**, 2018 - Cadernos de História, Belo Horizonte, v.10, n. 13, 1o sem. 2008.

SOARES, Debora Leonel, **Xamanismo e Cosmovisão Andina Um estudo sobre práticas de curanderismo Mochica expressas na cerâmica ritual**, 2015 – Dissertação de Pós Graduação Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo, 2015.

**SITES UTILIZADOS:**

**AGÊNCIA BRASIL**, 2014, Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/relatorio-da-onu-aponta-aumenta-do-numero-de-indigenas-na-america> Acesso em: 16 julho, 2019.

**CUSCO PERU**, 2019, Disponível em <https://www.cusco Peru.com/pt/festivais-e-eventos/maio-junho/inti-raymi/> Acesso 10 novembro 2019.

**DOCUMENTA**,2008, Disponível em [http://documenta-abigailgiol.blogspot.com/2011/09/blog-post\\_10.html](http://documenta-abigailgiol.blogspot.com/2011/09/blog-post_10.html) Acesso 27 outubro 2019.

**EL COMERCIO**, 2019, Disponível em <https://elcomercio.pe/> Acesso 25 outubro 2019.

**FOTOGRAFÍA PERUANA**, 2015, Disponível em <https://fotografiaperuana.com/> Acesso em: 28 outubro, 2019.

**KIKE ARNAL**, 2019, Disponível em <http://www.kikearnal.com/quencoro/> Acesso em: 28 outubro, 2019.

**LENS CULTURE**,2019, Disponível em <https://www.lensculture.com/adriana-peralta>, Acesso em: 27 outubro, 2019.

**MARTÍN CHAMBI FOTOGRAFO DEL PERU**, 2015, Disponível em <http://martinchambi.org/en/> Acesso 20 julho 2019.

**MARIO TESTINO**, 2019 , Disponível em <https://www.mariotestino.com/> Acesso 20 agosto 2019.

**MUSEU. MUSEU DE ARTE PRE COLOMBINO**, 2019, Disponível em <http://www.precolombino.cl/> Acesso em 15 novembro, 2019.

**NEWS BRASIL**, 2019, Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44718976/> Acesso 28 outubro 2019.

**OSCAR PACUSSICH**, 2017, Disponível em <https://cargocollective.com/oscarpacussich/SIERRA> / Acesso 28 outubro 2019

**OUTRO MUNDO**, 2019, Disponível em <https://www.outromundo.net/caral/> Acesso em 15 novembro, 2019.

**PERÚ**, 2019, Disponível em <https://www.peru.travel/pt-br/> Acesso em: 15 julho, 2019

**SPOTIFY**, 2019, Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/1iFlxmzc6Utu7XRGwbWpES?si=kG5GMnGKQEyiX1dOgB4FUQ> Acesso em: 28 novembro 2019.

**UNIDADE NA DIVERSIDADE UNILA**, 2015, Disponível em <http://unidadenadiversidadeunila.blogspot.com/2015/06/traduzido-de-pueblos-originarios.html/> Acesso 15 novembro 2019.